

Interpretação dos sujeitos nulos no Português de Angola

José Gueleka Kandjandja Kapetula

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem

José Gueleka Kandjandja Kapetula,
Interpretação dos sujeitos nulos no
Português de Angola, 2016

Abril, 2016

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação
científica da Prof. Dra. Maria Lobo

*Para a minha mãe,
por todas as letras que lhe chegam no escuro e que em mim se vislumbra a claridade.*

AGRADECIMENTOS

Ao governo da província da Huíla, em especial à Dra. Maria João Chipalavela, que não precisou de me ouvir falar uma segunda vez para me conceder a oportunidade de poder efetuar estudos de mestrado em Portugal.

Aos Drs. Américo Chicote, Belinho Alberto Joaquim e Paulino Vinevala que não mediram esforços para que se pudesse efetivar este meu desejo.

Ao Professor Doutor João Costa que me “chamou”, inspirou e encorajou a desenvolver trabalhos sobre os sujeitos nulos no PA. Pela simplicidade com que me explicava os conceitos que se afiguravam complicados ao início, pela amizade e simpatia com que sempre me tratou nas muitas vezes que fui ao seu gabinete para falar sobre este trabalho.

À Professora Maria Lobo, que me vai mostrando o caminho da investigação em Linguística, como os grandes mestres fazem aos seus pupilos, por todas as conversas e sessões de esclarecimentos de dúvidas, por tudo o que emprestou a este trabalho, pelo muito que me aturou e me compreendeu, muito obrigado, professora.

À Professora Helena Topa Valentim pela amizade que me permite conhecer e situar-me melhor na sociedade portuguesa, as sessões do Graal, Terraço em diálogo, são uma prova disto mesmo.

Às Professoras Matilde Gonçalves e Antónia Coutinho, pela amizade e entusiasmo contagiante que transmitem nas suas aulas e nas muitas vezes em que cruzamos palavras.

À Professora Alexandra Fiéis que me dispensou o seu tempo de aulas para que pudesse aplicar o teste aos informantes portugueses.

Às Professoras Ana Madeira e Teresa Lino pelas aulas e pela largueza de compreensão que sempre me demonstraram.

Aos meus colegas de mestrado: Débora Rocha, Érika Cavalcante, Bruna Trindade, Fineza Pinto, Anne Chen, André Carvalho, Cecília Sesudo, Liliana Pereira, Mateus Agostinho, Mariza Campos, Paula, pela companhia durante este período de formação.

À Mariza Campos, à Percilda Nhate, ao André Carvalho, à Débora Rocha, ao João Naege, ao Benvindo Bevenides, à Carolina Silva, ao Susano, ao Eudes Gomes, ao

Paulo Lima, à Soraia Monteiro, amigos que se mostraram importantes pelo muito que fizeram chegar a este trabalho, na conversa viva ou pela força do exemplo calado.

À Dra. Solange Luís e ao meu bom amigo, Dr. Agnelo Carrasco, que me encorajaram a prosseguir com os estudos a nível de mestrado. Pelo carinho e amizade que me continuam a ter.

À Selma Hanima que suporta toda esta estrutura pesada e que puxa muito pela sua paciência, ao Ondjoy e à Maria Madalena, que ainda não sabem esperar, nem compreendem a razão de tanto tempo de ausência, mas sabem que falta o Zezé.

Ao meu bom companheiro de jornada Edson Futy, por tudo o que juntos vamos enfrentando nessa aventura, nesse sonho que se renova a cada ano, que vai perdendo o rosto mas nunca a vontade de vencer. Pelo muito que tem dispensado para que o meu porto se vislumbre.

Ao Euclides Kuvialeka, ao Paulo Prata, ao Marmiliano Naufila, ao Miguel Kanuku, ao Anselmo Vieira, meus amigos, que me recebem cordialmente em Luanda e no Lubango e em todas as cidades em que cruzamos, com a mesma simpatia desses anos.

Ao Márcio Undolo que começou a jornada e não guardou para si, que sempre se lembrou de me empurrar à frente com uma palavra que se renovava a cada encontro, “segue em frente, amigo”.

Aos amigos Valentim Sambambi, Salomão Arão e Kankho Barros, companheiros desta jornada desde o começo.

Aos novos amigos que se assomaram à casa nestes tempos difíceis: Gabriel Satoto, Alcino Almeida, Júlio Tyilianga, António Vambili.

Aos meus pais e aos meus irmãos, ao padre António Custódio, padrinho desta aventura, desta jornada, a todos os familiares, por tudo...

Interpretação dos sujeitos nulos no Português de Angola

José Gueleka Kandjandja Kapetula

Resumo

O objetivo do presente estudo foi investigar como os falantes angolanos interpretam sujeitos nulos e pronominais de terceira pessoa em contextos encaixados, com antecedentes com características diferentes.

Pretendia-se verificar se a interpretação dos falantes angolanos se aproxima do PE, língua de sujeito nulo consistente, ou se é marcada por restrições, tal como as que ocorrem no PB. Assim, o presente estudo propôs-se compreender de qual destas variedades do português se aproximava o português de Angola (PA).

Para concretizar este objetivo foi elaborado um teste com quatro tarefas que implicavam avaliação de leituras preferenciais e juízos de gramaticalidade na interpretação de sujeitos nulos e pronominais em orações encaixadas com diferentes tipos de antecedentes (quantificados e não quantificados; em posição de sujeito e em posição de objeto), de forma a verificar se no PA se manifestam as mesmas diferenças de interpretação entre sujeitos nulos e pronominais do que no PE e se há restrições quanto aos contextos de sujeito nulo, como no PB.

O teste foi aplicado a informantes angolanos que residiam em Angola e a um grupo de controlo, constituído por informantes portugueses, residentes em Portugal. Para os dois grupos, o teste foi aplicado em contexto de sala de aulas.

As respostas obtidas em cada tarefa e em cada condição foram analisadas para cada um dos grupos de informantes. Para as tarefas 1 e 2 foi necessário um tratamento individual dos resultados, uma vez que os resultados globais não eram claros.

Os resultados obtidos mostram que:

i) no PA os sujeitos nulos são interpretados como correferentes com antecedentes quantificados, os sujeitos pronominais também aceitam a interpretação de variável ligada, o que é improvável numa língua de sujeito nulo;

ii) em contexto de completiva, os pronomes nulos estabelecem preferencialmente correferência com sujeito matriz; em contexto de adverbial a preferência do pronome nulo por retomar o sujeito matriz não é clara; nestes dois contextos, os sujeitos pronominais tanto podem retomar um antecedente sujeito como um antecedente objeto;

iii) no PA aceita-se preferencialmente um tipo de leitura que recupera o sujeito na posição mais alta da frase, ainda que esta tendência não seja tão marcada como a que se verifica para o PE;

iv) nos contextos em que as leituras são forçadas o sujeito nulo no PA aceita uma leitura correferente com antecedente sujeito, assim como aceita também uma leitura correferente com um antecedente objeto, ao contrário do PB. O sujeito pronominal aceita tanto uma leitura que recupera um antecedente sujeito como uma

leitura em que o sujeito pronominal recupera preferencialmente o objeto, tal como no PE.

O trabalho conclui que, apesar da variação que se verifica, o PA é uma língua de sujeito nulo que se aproxima mais do PE do que do PB. O sujeito nulo parece ter um funcionamento pronominal, ainda que as diferenças entre sujeito nulo e pronome não sejam tão claras como no PE.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito nulo, sujeito pronominal, pronome, objeto, português de Angola, português europeu, português brasileiro, interpretação.

Interpretation of null subjects in Angolan Portuguese

José Gueleka Kandjandja Kapetula

Abstract

The aim of this study was to analyse how Angolan speakers interpret third person null and overt subjects in embedded contexts in which the antecedent has different features.

We wanted to verify if the interpretation of Angolan speakers is closer to the one of European Portuguese (EP), a consistent null subject language, or if it is more constrained, as in Brazilian Portuguese (BP). Thus, the current study intended to understand to which one of these two Portuguese varieties the Angolan Portuguese (AP) comes closer.

In order to achieve our goal, we elaborated a test with four tasks that involved the evaluation of preferable readings and grammatical judgments in the interpretation of null and overt subjects in embedded clauses with different antecedents (quantified and non-quantified; in subject position and in object position). Based on these tasks we wanted to verify if in AP the differences in the interpretation of null and overt subjects were the same as in EP and if there were constraints in the null subject contexts as in BP.

We tested Angolan informants that live in Angola and we also tested a control group of Portuguese informants that live in Portugal. In both cases the test was completed in a classroom context.

The received responses in each task and condition were analysed for the two groups of informants. In the tasks 1 and 2 we analysed the results individually, because the global results were not clear.

The results of the study show that:

- i) in AP null subjects are preferably interpreted as coreferent when there is a quantified antecedent and overt subjects also accept a bound variable interpretation. The latter is very unlikely in a null subject language;
- ii) the null subjects of complement clauses prefer the matrix subject antecedent, whereas with adverbials it is not clear the null pronoun's

preference for retaking (the reference of) the matrix subject. In both contexts, the overt subjects can retake either the subject antecedent or the object antecedent;

- iii) in AP it is preferably accepted the kind of reading that partially recovers the subject in the higher position in the sentence, even if this tendency is not so stressed as it is in EP.
- iv) in the context in which the readings are forced, the null subject in AP accepts a coreference reading with a subject antecedent, as it happens in EP; it also accepts a coreference reading with an object antecedent, different from what happens in BP. The overt subject accepts either the reading that recovers the subject antecedent or the reading in which the overt subject preferably recovers the object, as in EP.

The study concludes that in spite of the existing variation, AP is a null subject language that is closer to EP than to BP. It seems that the null subject has a pronominal behaviour, even if the differences between null subject and pronoun are not that clear as they are in EP.

KEYWORDS: Null subject, Overt subject, pronoun, object, Angolan Portuguese, European Portuguese, Brazilian Portuguese, interpretation.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento	5
2.1. O parâmetro do sujeito nulo.....	5
2.2. O parâmetro do sujeito nulo no português	12
2.2.1. O PE como língua de sujeito nulo consistente	13
2.2.2. Tipos de sujeitos nulos no PE	14
2.2.3. Sujeito nulo em orações finitas	15
2.4.4. O Princípio de Montalbetti.....	18
2.2.5. Restrições semânticas (efeitos de animacidade e não animacidade)	19
2.3. O PB como língua de sujeito nulo parcial	20
2.3.1. Perda da morfologia de concordância.....	22
2.3.2. Restrições ao uso de sujeitos nulos.....	24
2.3.3. Localidade do antecedente	26
2.3.3.1. A interpretação dos sujeitos nulos	27
2.4. Que tipo de categoria vazia é o sujeito nulo no PB e no PE	28
2.5. O Parâmetro <i>pro drop</i> no português falado em Angola: O que é que se sabe sobre o sujeito nulo no português de Angola?	30
2.6. Síntese e questões em aberto.....	31
3. Metodologia.....	34
3.1. O teste.....	36
3.2. Participantes.....	37
3.3. Materiais	38
4. Análise dos resultados	44
4.1. Resultados da tarefa 1.....	44
4.2. Resultados da tarefa 2.....	50
4.3. Resultados da tarefa 3.....	55
4.4. Resultados da tarefa 4.....	56
5. Discussão dos resultados	58
Conclusões	62
Referências bibliográficas	65
Anexos	69

1. Introdução

Estudar a interpretação dos sujeitos nulos no Português de Angola (PA) surge da necessidade de se efetuarem trabalhos sobre a caracterização do parâmetro do sujeito nulo nesta variedade do português, tentando, em certa medida, contribuir para o conhecimento que se tem sobre o sujeito nulo nas diferentes variedades do português.

O parâmetro do sujeito nulo tem sido amplamente estudado ao longo dos últimos anos. Têm sido vários os trabalhos acerca deste parâmetro para várias línguas. A partir de muitos desses trabalhos tem-se demonstrado que é necessário fazer uma caracterização mais fina do parâmetro, e que os sujeitos nulos nas diferentes línguas podem ter restrições diferentes.

Os primeiros estudos caracterizavam o sujeito nulo como *pro*, uma categoria vazia na posição de sujeito em orações finitas (com marcas morfológicas) (Chomsky, 1981; Rizzi, 1982).

Estudos realizados mais tarde davam conta de que havia línguas sem flexão e que, no entanto, possuíam categorias vazias na posição de sujeito, como o chinês (Huang, 1984). Nalgumas línguas como o chinês, a capacidade de admitir sujeitos nulos não está relacionada com a existência de uma morfologia verbal rica, o que quer dizer que a capacidade de uma língua legitimar sujeitos nulos não está diretamente ligada à morfologia, como afirmam Jaeggli & Saffir (1989).

Na Gramática Generativa consagrou-se que as línguas que marcam positivamente o parâmetro do sujeito nulo são consideradas línguas de sujeito nulo e aquelas que o marcam negativamente são chamadas línguas de sujeito não nulo. Assim, línguas como o italiano, o espanhol e o português são consideradas línguas de sujeito nulo e línguas como o inglês e o francês são línguas em que o parâmetro está marcado negativamente, por isso chamadas línguas de sujeito não nulo.

O português, como foi referido acima, é considerado uma língua de sujeito nulo. Entretanto, são conhecidas as diferenças do parâmetro do sujeito nulo no português

uropeu (PE) e no português brasileiro (PB) (Barbosa *et al*, 2005; Duarte 1995; Kato e Duarte, 2014).

O PE é uma língua de sujeito nulo consistente e o PB é tido como uma língua de sujeito nulo parcial (Duarte, 1995; Costa e Pratas, 2007; Lobo, 2013).

As diferenças paramétricas entre o PE e o PB vão desde o preenchimento ou não preenchimento da posição de sujeito ao tipo de interpretação preferencial de sujeitos nulos e pronominais em cada uma das variedades. Neste sentido, o PE usa preferencialmente formas nulas em contextos de orações finitas, ao passo que no PB os contextos de sujeito nulo se vão tornando cada vez mais escassos.

Em contextos encaixados, a interpretação dos sujeitos nulos e pronominais, no PE, é sensível à posição sintática do antecedente (Costa *et al*; Luegi, 2012; Silva 2015; Silva e Lobo, 2016), na linha do que foi demonstrado por Carminati (2002) para o italiano. No PB o sujeito pronominal tanto pode retomar um antecedente na posição de sujeito como na posição de objeto (Modesto, 2011), ao passo que a correferência entre um sujeito nulo e um antecedente que não o c-comanda é marginal. No PE a correferência entre o sujeito pronominal e o sujeito matriz é marcada, não é a interpretação preferencial.

Neste trabalho procede-se ao estudo da interpretação do sujeito nulo no PA tendo em conta as características que o parâmetro do sujeito nulo assume nas variedades europeia e brasileira, no sentido de perceber de qual das variedades mais se aproxima a interpretação dos sujeitos nulos e pronominais realizada pelos falantes angolanos.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma:

Na primeira parte do Enquadramento (2.1) faz-se uma caracterização geral do parâmetro do sujeito nulo, apresentam-se as características e propriedades das línguas de sujeito nulo, em contraste com as línguas de sujeito não nulo, e como são preferencialmente interpretados os sujeitos nulos.

Na segunda parte do capítulo de Enquadramento (2.2) fala-se sobre o parâmetro do sujeito nulo no PE, língua de sujeito nulo consistente; faz-se a descrição das suas características, com o objetivo de contrapô-las ao PB, para num momento posterior poder compreender se o PA se aproxima ou não do PE.

Na terceira parte do Enquadramento (2.3) procede-se a uma análise do parâmetro em estudo no PB, que, como foi referido, se considera que é uma língua de sujeito nulo parcial. O PB apresenta variação em relação ao PE. Esta análise tem como propósito perceber como é interpretado o sujeito nulo no PB: i) que tipo de categoria é? ii) que tipo de leituras são aceites nesta variedade?

Na secção 2.4., introduz-se alguma da pouca informação que se conhece sobre o parâmetro do sujeito nulo no PA. Pretende-se com isto tentar perceber: i) que tipo de categoria vazia é?; ii) como é interpretada? iii) de qual das variedades padrão do português mais se aproxima?

A seguir à parte teórica, no capítulo 3., apresenta-se a Metodologia usada no trabalho para se poder chegar aos objetivos que o trabalho persegue, descreve-se o perfil dos participantes e o instrumento de pesquisa usado.

No capítulo 4., apresentam-se os resultados gerais obtidos e as suas respetivas análises. Os resultados são apresentados primeiro de forma conjunta e depois, para as tarefas de interpretação/aceitação e de leituras preferenciais, apresentam-se resultados individuais (de cada um dos participantes), de forma a que se possa efetuar uma análise mais diferenciada.

A isto segue-se a discussão dos resultados (capítulo 5.) e a apresentação das conclusões possíveis a que o trabalho chegou.

2. Enquadramento

2.1. O parâmetro do sujeito nulo

O parâmetro do sujeito nulo corresponde a uma propriedade gramatical que distingue línguas em que o sujeito de uma oração finita (ou com infinitivo flexionado) pode não estar foneticamente expresso de línguas em que o sujeito destas orações tem de estar expresso. Assume-se que o sujeito nulo é uma categoria pronominal vazia (Chomsky, 1981; Rizzi, 1982; Taraldsen, 1986).

O sujeito das orações infinitivas não flexionadas (as únicas que existem na maioria das línguas) é diferente. Na teoria de princípios e parâmetros, assume-se que é um PRO, categoria vazia não regida (Chomsky, 1981).

As línguas naturais distinguem-se pelo valor que adotam em relação a este parâmetro. Algumas línguas são marcadas por um valor positivo e outras por um valor negativo. As línguas com o valor positivo são tidas como línguas de sujeito nulo¹ e aquelas que têm um valor negativo são tidas como línguas de sujeito não nulo.

Nas línguas de sujeito nulo, o sujeito pronominal nulo é omitido na maioria dos contextos, enquanto nas línguas de sujeito não nulo a posição do sujeito pronominal é obrigatoriamente preenchida, excetuando contextos de diários ou de notas (Chomsky, 1981; Haegeman, 1990).

As línguas de sujeito nulo consistente têm a propriedade de recuperar a informação acerca do sujeito por meio de uma morfologia verbal rica, pelas suas marcas de pessoa e número, o mesmo não acontecendo com as línguas de sujeito não nulo, cuja morfologia de flexão verbal não permite recuperar a informação sobre o sujeito da oração a partir das desinências verbais. Nestas línguas, a posição do sujeito aparece normalmente preenchida.

¹Estudos mais recentes preferem usar a designação de línguas de sujeito nulo consistente, de modo a estabelecer diferença entre as línguas inicialmente catalogadas como línguas *pro-drop*, isto é, línguas clássicas de sujeito nulo, as que admitem a queda do sujeito pronominal nulo em orações finitas e não finitas como o italiano, o espanhol e o PE, e línguas de sujeito nulo parcial, que possuem sujeitos nulos em apenas alguns contextos, como o finlandês, o PB, e o cabo-verdiano.

Nas línguas clássicas de sujeito nulo, como o italiano, o espanhol e o português europeu (PE), a possibilidade de omissão de sujeitos em orações finitas está relacionada com o facto de estas línguas possuírem uma morfologia verbal rica que permite recuperar informação precisa sobre o conteúdo pronominal referente a pessoa e número acerca do sujeito (Lobo, 2311:2013), o que se pode verificar nos exemplos a seguir, retomados de Lobo (2013: 2309):

- (1) a. *Eu* fui ao cinema.
b. [-] Fui ao cinema.
c. *Io* sono andato al cinema.
d. [-] sono andato al cinema.
e. *Yo* he ido al cine.
f. [-] he ido al cine.

Os exemplos (1b, 1d e 1f) correspondem a contextos de sujeito nulo. Nestes casos, a informação sobre o sujeito referencial pode ser recuperada a partir da morfologia dos verbos que correspondem à primeira pessoa.

Nas línguas de sujeito não nulo como o inglês e o francês, os sujeitos pronominais nulos, normalmente, são considerados agramaticais. Nestas línguas usam-se preferencialmente sujeitos plenos, como se pode ver nos exemplos²:

- (2) a. *I* went to the movies.
b. *[-] went to the movies.
c. *Je* suis allé au cinema.
d. *[-] suis allé au cinema.

Lobo (2013: 2309)

² Em inglês e em francês, línguas de sujeito não nulo, há a possibilidade de omissão do sujeito em registos específicos como em contextos de diário e notas, obedecendo a restrições específicas (Haegeman, 2013). Esta omissão de sujeito nulo ocorre simplesmente em frases principais e não com constituintes antepostos, por exemplo: (i). *Wonder what they're doing.* (ii). *Could do better* (from school report); (iii). *M'accompagne au Mercure, puis a la gare.* (Hyams, 2012).

O parâmetro do sujeito nulo foi inicialmente estudado por Chomsky (1981) e Rizzi (1982), analisando o sujeito nulo em línguas como o italiano e o inglês. Nestes estudos associou-se a marcação positiva do parâmetro, nas línguas de sujeito nulo, à riqueza flexional dos verbos, em que as formas verbais manifestam desinências explícitas, distinguindo as diferentes pessoas gramaticais, o que permitiria recuperar o sujeito da oração a partir da forma verbal. Este mesmo facto não seria possível em línguas como o inglês e o francês, pois as formas verbais, nestas línguas, não são muito distintas umas das outras, havendo, em muitos casos, contextos de ambiguidade.

Em trabalhos posteriores, sobre o sujeito nulo, realizados para outras línguas com características diferentes das línguas clássicas de sujeito nulo, com destaque para Huang (1984), verificou-se que existiam casos de línguas como o chinês, o japonês e o coreano que admitiam sujeitos omissos em orações principais e subordinadas, apesar de não possuírem morfologia de flexão verbal. Nestas línguas a identificação do sujeito nulo é feita por um antecedente que estabelece com o sujeito nulo uma relação de correferência.

Há, ainda, outros casos de línguas como o alemão, que apesar de terem uma flexão verbal rica não possuem sujeitos nulos argumentais. (Lobo 2311: 2013)

Estas constatações introduziram novos dados ao debate sobre os contextos em que as línguas legitimam sujeitos nulos. À partida questionou-se a relação que se estabelecia entre a existência de uma morfologia verbal rica e a capacidade de uma língua admitir sujeitos nulos pronominais. Neste sentido, estabeleceu-se que a possibilidade de uma língua legitimar sujeitos nulos não estava necessariamente relacionada com a existência de uma morfologia de flexão rica. Em algumas línguas há casos de omissão do sujeito, sem, entretanto, haver uma morfologia verbal rica, e noutras há morfologia de flexão rica, mas sem que haja sujeitos nulos (*idem*).

Tendo em conta a existência de sujeitos nulos em línguas sem morfologia de flexão, como o chinês, Jaeggli & Safir (1989) propõem que o que licencia o sujeito nulo não é exatamente um sistema de *Agr* rico, mas a uniformidade morfológica de alguns paradigmas verbais de uma língua. Neste sentido, considera-se que um paradigma é morfológicamente uniforme se se constitui de formas que podem incluir desinências de número e pessoa, ou de formas não flexionadas constituídas apenas pelo radical, tal como no caso do chinês.

Costa e Pratas (2012:4) na mesma linha que os autores anteriormente citados sugerem, também eles, que a morfologia de flexão verbal tem grande importância para a definição das línguas de sujeito nulo. Entretanto, os autores consideram que isso é insuficiente para explicar contextos de sujeitos nulos em todas as línguas, pois existem línguas que manifestam outro tipo de restrição para legitimar o sujeito nulo.

Estudos mais recentes sobre o parâmetro do sujeito nulo segmentam as línguas marcadas com sinal positivo em relação a este parâmetro, em: (i) línguas de sujeito nulo consistente ou línguas clássicas de sujeito nulo e (ii) línguas de sujeito nulo parcial. O primeiro grupo compreende línguas como o italiano, o espanhol, o basco e o PE e o segundo grupo é formado por línguas como finlandês, o PB e o cabo-verdiano (este último grupo será desenvolvido na secção 2.3.).

As línguas de sujeito nulo consistente, para além da possibilidade de admitirem sujeitos pronominais nulos, apresentam:

- Sujeitos expletivos foneticamente nulos;
- Inversão livre do sujeito;
- Posição pós-verbal do argumento interno em orações passivas;
- Atribuição de caso nominativo à direita;
- Infinitivo pessoal (para o caso do português)
- Ausência do efeito «*that-t*»

(Raposo, 1992: 482-483)

Os sujeitos expletivos foneticamente nulos existem em todas as línguas de sujeito nulo, ao contrário de línguas de sujeito não nulo como o inglês e o francês, em que os contextos de expletivos são marcados lexicalmente. Nestas línguas, o sujeito expletivo apesar de ser marcado lexicalmente não tem qualquer valor semântico. Não refere nenhuma entidade do universo discursivo. A sua função é meramente gramatical.

Nas línguas de sujeito nulo, os expletivos podem ser sujeitos não argumentais e quase argumentais. Em português, por exemplo, considera-se que verbos impessoais como

haver e *parecer*, que não selecionam argumento externo, ocorrem com sujeitos nulos expletivos não argumentais, como nos casos (3a) e (4a) abaixo apresentados.

- (3) a. [-] Há muitos acidentes nesta estrada.
b. *Il y a beaucoup d'accidents sur cette route.*
c. *There are many accidents on this road.*
d. *Es gibt viele Unfälle auf dieser Strasse.*
- (4) a. Parece que o comboio está atrasado.
b. *Il semble que le train est en retard*
c. *It seems that the train is late.*
d. *Es scheint, dass der Zug spät ist.*

Por outro lado, há os casos de expletivos quase argumentais, que possuem um valor referencial mínimo, como acontece com os verbos que designam fenómenos meteorológicos como em (5a) e (5b) (Lobo: 2013: 2312).

- (5) a. [-] Chove.
b. [-] Neva. (*idem*)

Para além da omissão dos sujeitos pronominais nulos e dos casos de expletivo, nas línguas de sujeito nulo consistente: (i) o sujeito pode ocorrer numa posição pós-verbal (6a e 8a); (ii) o argumento interno do verbo numa oração passiva pode ocorrer numa posição pós-verbal (7a); (iii) o sujeito pode sofrer extração longa (9a); (v) o sujeito de uma oração subordinada introduzida por um complementador pode ser extraído (10a) (Raposo, 1992: 482-483).

- (6) a. Comeram o bolo [as crianças]!
b. * *Ate the cake [the children]!*
- (7) a. Foi convidado [um estudante] para a festa.
b. * *Was invited [a student] to the party.*

- (8) a. Sou eu.
b. * *It is I.*
- (9) a. *Questo è l'uomo che_i mi domando chi abbia visto [-]_i.*
b. * *This is the man_i who I wonder who saw [-]_i.*
- (10) a. Quem disseste que comprou um computador?
b. * *Who did you say that bought a computer?*

(Raposo 1992: 483):

Considera-se que as propriedades acima apresentadas são comuns às línguas de sujeito nulo consistente.

Diversos estudos sobre várias línguas demonstram que estas propriedades estabilizam em fases precoces de aquisição da linguagem (Hyams, 2012; Guasti, 2002; Silva, 2015).

Em relação à interpretação dos sujeitos pronominais nulos e plenos não há evidências tão claras, o que, por sinal, tem suscitado crescentes discussões para várias línguas, entre as quais se inclui o português.

Nas línguas de sujeito nulo consistente o sujeito pronominal pode ser nulo ou pleno. Quando o pronome é nulo, a posição referente ao sujeito aparece vazia, podendo a informação sobre o sujeito pronominal ser recuperada por meio da morfologia de flexão verbal, sobretudo em relação à 1ª e à 2ª pessoas, pois que em contextos de ambiguidade com a 3ª pessoa a flexão não é suficiente para identificar a referência do sujeito.

De acordo com Carminati (2002), os falantes de línguas de sujeito nulo usam, preferencialmente, o pronome nulo para recuperar um antecedente sujeito, entre outras razões, pelo facto de as orações com pronome nulo serem mais facilmente processadas. Pelo contrário, o pronome pleno seleciona preferencialmente um antecedente que se encontra numa posição mais baixa que a posição de sujeito.

Nas línguas de sujeito nulo consistente é frequente o pronome nulo ocorrer como correferente ao sujeito da oração matriz, como em (11), em que *pro* é correferente com

Gianni, o sujeito da oração principal. A correferencialidade entre o pronome *lui* e o sujeito *Gianni* em (12) é considerada marginal nas línguas de sujeito nulo consistente.

(11) Gianni_i partirà quando *pro*_i avrà finito il lavoro.

(12) * Gianni_i partirà quando **lui**_i avrà finito il lavoro. (Frana, 2003)

Filiaci *et al* (2008:2), retomando Carminati (2002), referem que a correferência, para além de ser marcada sintaticamente, é também marcada pelo contexto discursivo, isto é, pragmaticamente. Para estas autoras, normalmente, o pronome nulo tende a selecionar um antecedente que se encontra na posição do sujeito, ao passo que o pronome pleno seleciona preferencialmente um antecedente não sujeito, encontrando-se numa posição mais baixa que a do sujeito sintático. Há, no entanto, contextos em que se verifica alguma variação, em que a interpretação não é esperada porque existem fatores pragmáticos que favorecem outra leitura, como se pode verificar nos exemplos seguintes.

(13) Quando Maria_i è andata a trovare Vanessa_j in ospedale, lei_{i(j)} le ha portato un mazzo di fiori.

(14) Quando Maria_i è andata a trovare Vanessa_j in ospedale, Ø_{i(j)} le ha portato un mazzo di fiori.

(15) Quando Maria_i è andata a trovare Vanessa_j in ospedale, Ø_{(i)j} era già fuori pericolo.

(16) Quando Maria_i è andata a trovare Vanessa_j in ospedale, lei_{(i)j} era già fuori pericolo.

(Filiaci et al 2013:2)

Em (13), o pronome pleno é correferente com o sujeito, contrariamente ao que é mais habitual. Neste caso, a relação de correferência é determinada por questões pragmáticas, decorrentes do contexto discursivo, ao passo que em (15) o pronome nulo é correferente com o objeto, por questões derivadas do contexto, contrariamente ao que é mais habitual. Diz-se, nestes casos, que a interpretação é determinada por fatores pragmáticos.

2.2. O parâmetro do sujeito nulo no português

Neste capítulo efetua-se uma análise ao parâmetro do sujeito nulo nas variedades padrão do português. Pretende-se com esta análise estabelecer uma comparação do parâmetro do sujeito nulo no PE e no PB, que, como tem sido demonstrado por diversos estudos, manifesta diferença, quer em relação ao preenchimento, quer em relação à interpretação dos sujeitos nulos e pronominais.

A comparação entre o PE e o PB visa compreender as diferenças existentes a nível da interpretação dos sujeitos nulos nessas variedades do português, sobretudo em relação aos sujeitos nulos e pronominais encaixados na 3ª pessoa.

Esta análise tem como objetivo final compreender o tipo de interpretação que os falantes do português em Angola atribuem a frases com pronomes nulos e plenos, se se distinguem dos falantes da variedade europeia do português ou se se aproximam da variedade brasileira, tendo em conta o que está descrito na literatura.

Como foi referido atrás, o português é uma língua que marca positivamente o parâmetro do sujeito nulo tal como o italiano e o espanhol, entre outras. Nestas línguas são permitidos sujeitos sem realização fonética em orações finitas (Lobo, 2013; Barbosa, 2011; Raposo, 1992).

Ao contrário do inglês, do francês e do alemão, em português o sujeito pode ser representado por uma categoria vazia em orações finitas, como foi referido no exemplo (1) que aqui se retoma em (17):

- (17) a. Eu fui ao cinema.
b. *pro* Fui ao cinema.

(Lobo, 2013: 2309)

Apesar de o português marcar positivamente o parâmetro do sujeito nulo, nas suas variedades padrão, o parâmetro do sujeito nulo não é uniforme. Assim, considera-se que o PE é uma língua de sujeito nulo consistente e que o PB é uma língua de sujeito nulo parcial (Duarte, 1995; entre outros).

2.2.1. O PE como língua de sujeito nulo consistente

O PE enquadra-se entre as línguas românicas de sujeito nulo consistente, assim como o italiano e o espanhol. Tal como nestas línguas, no PE a possibilidade de ocorrência de sujeito nulo está relacionada, entre outras coisas, com a existência de uma morfologia de flexão verbal rica, com desinências explícitas para cada pessoa do discurso que, através das suas marcas de pessoa e número, lhe permitem recuperar informação acerca do sujeito (Lobo, 2013: 2311; Raposo, 1992: 477):

- (18) a. [-] Vou ao cinema. (eu)
b. [-] Vais ao cinema. (tu)
c. [-] Vamos ao cinema. (nós)
d. [-] Vão ao cinema. (eles)

Os exemplos acima são frequentemente usados em PE, o que demonstra que nesta variedade o sujeito nulo é a opção preferencial dos falantes, sobretudo em relação à 1ª e à 2ª pessoas (Lobo, 2013; Raposo, 1992). A opção preferencial do sujeito nulo de 3ª pessoa depende dos contextos. O sujeito pronominal é usado com menos frequência, sobretudo por razões de ênfase e de contraste.

(Lobo, 2013; Raposo, 1992)

De acordo com Lobo (2013: 2332) a identificação dos sujeitos nulos em português, aqui interpretado como referindo-se sobretudo ao PE, deve satisfazer as seguintes condições: i) identificação pela flexão verbal, 1ª e 2ª pessoas e ii) identificação por um antecedente situado no contexto discursivo ou situacional (neste último caso, a interpretação é favorecida por fatores pragmáticos).

No PE apenas a 1ª e a 2ª pessoa admitem sem restrições a omissão do sujeito, pois a morfologia verbal destas pessoas permite a identificação com um referente de uma forma não ambígua. Os sujeitos nulos de 3ª pessoa não permitem esta identificação, só são considerados completamente gramaticais quando podem ser identificados por um elemento do discurso ou por um contexto situacional que permita recuperar o seu antecedente (19) (Lobo, 1995: 7; 2013: 2331; Duarte, 1995: 15):

(19) a. O João não pode sair. *pro* Está doente.

(Lobo, 1995: 7)

b. [-] Comeu de mais.

c. O Rui disse que *pro* comeu demais.

(Lobo, 2013: 2332)

Em (19a) o sujeito nulo encaixado retoma o sujeito da oração principal (o João). Esta interpretação é favorecida pelo contexto situacional. Para a 3ª pessoa, a omissão só é possível quando o contexto discursivo permite recuperar a informação. É o que se verifica em (19b) em que a interpretação do sujeito nulo só é legítima recorrendo a fatores de ordem pragmática, com o antecedente situado no contexto discursivo. Em (19c) *pro* retoma o antecedente situado na oração principal, que ocupa a posição de sujeito sintático. Neste caso, o sujeito sintático é a única possibilidade de correferência do sujeito nulo.

A 1ª e a 2ª pessoas, como foi referido, dispensam identificação contextual. As suas marcas morfológicas de concordância permitem recuperar sem ambiguidade os traços de pessoa e número (17) e (18a-c).

2.2.2. Tipos de sujeitos nulos no PE

No PE são admitidos sujeitos nulos de qualquer tipo: argumentais, não argumentais ou quase argumentais. Os sujeitos nulos argumentais têm um valor semântico (agente, tema...) (20a). Os sujeitos não argumentais não possuem nem referência nem conteúdo semântico, não referem qualquer entidade, são também designados como expletivos (20b). Os sujeitos quase argumentais possuem um conteúdo referencial mínimo (20c), podendo, nalguns contextos, alternar com expressões nominais que correspondem a objetos cognatos (e.g. *nevou uma neve finíssima esta manhã*) (Raposo, 1992: 474; Lobo, 2013: 2314; Silva, 2015: 14).

- (20) a. [-] Comprei um carro novo.
b. [-] Parece que a Catarina está doente.
c. [-] Nevou esta manhã.

(Silva, 2015: 15)

No PE enquanto os sujeitos nulos argumentais podem alternar com um sujeito pronominal, os sujeitos nulos não argumentais e quase argumentais são geralmente nulos. De acordo com Carrilho (2008: 2314), em registos marcados, enfáticos e em variedades dialetais, a posição de sujeito pode aparecer preenchida em contextos de sujeitos não argumentais e quase argumentais, habitualmente nulos, como nos casos a seguir:

- (21) a. *Ele* parece que o comboio está atrasado.
b. Ah, se chover era melhor, mas *ele* não chove amanhã.
c. *Ele* a fome não havia!
d. *Ele* falta-me aqui umas peças do tear, quero saber onde estão.

(Carrilho, 2009: 13-14)

Os contextos apresentados em (21), como foi referido, ocorrem em registos marcados (com diferentes predicados semanticamente impessoais – verbos meteorológicos e outros verbos de referência a fenómenos naturais, como tempo, lugar ou distância), diferentemente dos apresentados em (20), que são típicos nas línguas de sujeito nulo.

2.2.3. Sujeito nulo em orações finitas

Nas línguas de sujeito nulo consistente, tal como no PE, o sujeito nulo em orações finitas tem as mesmas propriedades que um pronome pessoal com traços de pessoa e número.

Para o caso das orações subordinadas finitas, o sujeito nulo toma como antecedente um elemento da oração matriz. Este elemento pode ser o sujeito ou outro elemento que

desempenha uma função sintática diferente do sujeito matriz. O mesmo acontece com os sujeitos pronominais (Lobo, 2013: 2323; Barbosa, 2005:13; Duarte, 1995: 13).

Em (22a) o sujeito nulo encaixado da oração subordinada finita retoma preferencialmente o sujeito matriz, excetuando contextos em que é usado por razões enfáticas. Em (22b), pelo contrário, o sujeito pronominal não é preferencialmente interpretado como correferente com o sujeito matriz (Barbosa *et al*, 2005:13). No caso de (22a) diz-se que entre o pronome nulo encaixado e o sujeito matriz há uma relação de correferência, o mesmo não se verificando em relação a (22b).

Fala-se em correferência quando dois elementos remetem para a mesma entidade extralinguística, que no caso de (22a) é o João, que corresponde ao sujeito matriz. Fala-se em referência disjunta quando dois elementos remetem para diferentes entidades extralinguísticas. Em (22b) a leitura favorece, como correferente do sujeito pronominal, uma entidade situada no contexto discursivo e que é diferente do sujeito da oração matriz.

- (22) a. O João disse que *pro* comprou um computador.
b. O João disse que *ele* comprou um computador.

(Barbosa *et al*, 2005:13)

Em contextos como (23a) o sujeito nulo encaixado é preferencialmente interpretado como correferente com o sujeito matriz, *o Pedro*, o elemento que se encontra na posição mais alta da frase. Em (23b) o sujeito pronominal *ele* é interpretado preferencialmente como correferente com *o avô*, ao qual corresponde a função de objeto indireto da oração matriz.

- (23) a. O Pedro disse ao avô que *pro* emagreceu.
b. O Pedro disse ao avô que *ele* emagreceu.

(Silva, 2015: 71)

Este tipo de interpretação é determinada por fatores sintáticos, de processamento e também por fatores pragmáticos, na linha de Carminati (2002) apresentada acima. O sujeito nulo encaixado retoma preferencialmente o elemento em posição mais alta da frase e o sujeito pronominal retoma preferencialmente o antecedente objeto.

No entanto, os casos apresentados em (24), como referido por Filiaci (2013), sugerem que nas línguas *pro-drop*, tal como no PE, em determinados contextos pragmáticos, a tendência preferencial de correferência do sujeito nulo e pronominal pode alterar-se, isto é, o sujeito nulo pode ser correferente com o objeto e o sujeito pronominal pode ser correferente com o sujeito.

- (24) a. O médico anunciou à Ana que *pro* podia engravidar.
b. A Ana disse ao médico que *ela* estava grávida.

Em (24a) o sujeito nulo é correferente com o elemento na posição de objeto (a Ana), ao passo que em (24b) o sujeito pronominal é correferente com o sujeito matriz. Este tipo de interpretação é determinado por fatores de ordem pragmática decorrentes do contexto situacional ou linguístico.

Não obstante estes casos marcados, no PE na maioria dos contextos o sujeito nulo é preferencialmente correferente com o sujeito matriz. Silva (2015: 74;75) procedeu ao estudo de sujeitos nulos e plenos em completivas nos modos indicativo e conjuntivo no PE e concluiu que:

- i) Nas línguas de sujeito nulo, tal como o PE, no modo indicativo, o sujeito nulo encaixado é preferencialmente interpretado como correferente ao sujeito matriz, enquanto o sujeito pronominal encaixado é interpretado como disjunto do sujeito matriz.
- ii) No modo conjuntivo, com verbos volitivos como *querer* e *pedir* o sujeito é geralmente disjunto do sujeito matriz (quer seja nulo, quer seja pronominal).

Este tipo de leituras corresponde a leituras preferenciais, sendo que, em determinados contextos, fatores de ordem pragmática podem fazer alterar a interpretação dos falantes do PE.

Um dos contextos de ligação entre o sujeito nulo e o antecedente que tem sido sujeito a análises recorrentes é o conhecido princípio de Montalbetti que se desenvolve no ponto a seguir.

2.4.4. O Princípio de Montalbetti

O princípio de Montalbetti constitui um tipo de restrição à correferência entre o sujeito pleno e o antecedente sujeito matriz nas línguas de sujeito nulo consistente.

Este princípio postula, em linhas gerais, que um pronome pleno não pode estar lexicalmente ligado por um operador, isto é, não pode funcionar como variável, em contextos em que um pronome nulo é possível.

Montalbetti compara exemplos do inglês e do espanhol para explicar esta restrição usando sobretudo antecedentes quantificados (25):

(25) Many students believe that *they* are intelligent.

(Montalbetti, 1984: 79)

A frase em (25) é ambígua, pois o pronome encaixado *they* pode ser interpretado de três formas diferentes: i) pronome livre, isto é, não possui qualquer antecedente na frase; ii) como correferente do sujeito matriz (entendendo-se que cada estudante acredita que os seus colegas são inteligentes); iii) como variável ligada, mas sem ser correferente com o antecedente quantificado, uma variável do tipo *E-type*, podendo a frase ser interpretada como “cada estudante presume-se inteligente sem ter em conta a inteligência dos seus colegas” (Montalbetti, 1984: 80).

Numa língua de sujeito nulo consistente, ao contrário de uma língua de sujeito obrigatório, um pronome pleno não pode ter uma leitura de variável ligada (26b). Este tipo de leitura ocorre, preferencialmente, com pronomes nulos (26a) (Montalbetti, 1984: 83).

Em (26a) o pronome nulo encaixado é interpretado como estando ligado pelo sujeito matriz. O pronome nulo favorece uma leitura em que cada estudante acredita individualmente na sua inteligência sem, contudo, ter em conta a inteligência dos outros.

Por seu lado, o sujeito pronominal encaixado *ellos* em (26b) não é interpretado preferencialmente como variável ligada, o que favorece uma interpretação em que *ellos* remete para uma entidade não mencionada na frase ou uma interpretação em que cada estudante acredita que todos os outros estudantes são inteligentes.

- (26) a. Muchos estudiantes piensan que *pro* son inteligentes.
b. Muchos estudiantes piensan que *ellos* son inteligentes.

(Montalbetti, 1984, 82)

Segundo Montalbetti (1984), observam-se assimetrias em relação à interpretação de pronomes nulos e plenos nos exemplos de (26) e nos casos apresentados em (27):

- (27) a. Nadie cree que *él* es inteligente.
b. Nadie cree que *pro* es inteligente.

(Montalbetti, 1984, 83)

O pronome nulo em (27b) é interpretado como variável ligada ou como pronome livre, o que possibilita uma leitura ambígua da frase. Pelo contrário em (27a) o sujeito pronominal é interpretado como pronome livre, neste caso a interpretação correferencial não é possível.

2.2.5. Restrições semânticas (efeitos de animacidade e não animacidade)

A animacidade do antecedente constitui um fator importante na escolha do antecedente (Barbosa *et al*, 2005; Luegi, 2012).

No PE os sujeitos nulos podem retomar o objeto, isto acontece nos contextos em que o antecedente é marcado pelo traço [- animado] (28a). No PE são raros os casos em que o pronome pleno retoma um objeto com o traço [- animado] (28b). Os sujeitos pronominais têm preferencialmente antecedentes com o traço [+ animado], ainda que se encontrem casos com antecedentes [- animado] (28b) (Barbosa *et al*, 2005; Lobo, 2013).

(28) a. Era uma casa muito antiga_i; com o terramoto, *pro_i* desmoronou-se.

(Lobo, 2013: 2324)

b. A história da vida de um indivíduo é determinante na forma como se reage a [o traumatismo]_j. *Ele_i* pode causar a retração, a inibição...

(Barbosa *et al*, 2005: 14)

2.3. O PB como língua de sujeito nulo parcial

Tem sido demonstrado por diversos estudos que o parâmetro do sujeito nulo não é uniforme nas duas variedades padrão do português (Barbosa *et al*, 2005; Kato *et al*, 2014; Duarte, 1995; entre outros).

Como foi referido acima, o PE é uma língua de sujeito nulo consistente. Por sua vez, o PB é considerado uma língua de sujeito nulo parcial. Apresenta, normalmente, sujeitos pronominais numa posição em que se esperaria um sujeito nulo nas línguas *pro-drop*, em face da perda gradual da obrigatoriedade de legitimar sujeitos nulos. Neste sentido, considera-se que o PB estaria em processo de alteração definitiva do parâmetro do sujeito nulo, isto é, transitaria de língua *pro-drop* a língua não *pro-drop* (Duarte, 1995) ou que o PB se encontra num processo de estabilização do parâmetro, definindo-se como língua de sujeito nulo parcial (Cyrino *et al*, 2013).

A alteração do parâmetro do sujeito nulo no PB é caracterizada de diferentes formas: i) pela perda da morfologia de concordância (Duarte, 1995); ii) por uma maior limitação

dos contextos de sujeito nulo (Modesto, 2011); iii) pelas restrições ao antecedente (Kato e Duarte, 2014); iv) pelo tipo de categoria vazia que é o sujeito nulo no PB.

Considera-se que o PB vai perdendo progressivamente o Princípio Evite Pronome, em consequência disto, regista um maior preenchimento da posição de sujeito em contextos em que o PE tem um sujeito nulo (Duarte, 1995; 2000).

De acordo com Cyrino *et al* (2000), entre os séculos XVIII e XIX era comum usarem-se frases como (29). Neste período os sujeitos nulos ainda eram frequentes no PB. O pronome pleno era usado em contexto de ênfase ou em contextos de desambiguação, tal como acontece nas línguas de sujeito nulo consistente.

- (29) a. *pro* Sou capaz de beber o mar.
b. Ora, quanto aposta vossa mercê; que não *pro*_i bebe o mar?.
c. *pro* Falei com o seu tenente coroné, e ele_i disse-me que *pro*_i havia de vir com Sinhá Perpetua e com Sinhá moça Rosinha.

(Cyrino *et al*, 2000: 60)

No século XX passa a haver um maior preenchimento da posição de sujeito em todas as pessoas (30).

- (30) a. *Eu* só estou repetindo o que *eu* li.
b. *Você* não entende meu coração porque *você* tá sempre olhando pro céu e procurando chuva.
c. Quando *ela* acordou *ela* estava em Hong Kong.

(Cyrino *et al*, 2000:60)

É comum a vários investigadores a ideia de que está em curso no PB uma mudança paramétrica, de língua *pro-drop* a língua não *pro-drop*, isto é, o PB transita de um período em que havia ocorrência mais ou menos frequente de sujeitos nulos para um período em que *pro* cessará de ocorrer e o PB passará a ser, assumidamente, uma língua não *pro-drop*, à semelhança do que se verificou no francês, que, ao fim de um tempo, acabou por perder completamente a capacidade de legitimar sujeitos nulos.

Há, entretanto, outros autores (Cyrino *et al*, 2000) que não preveem uma alteração definitiva do parâmetro, aceitando apenas a estabilização de certos limites gramaticais. Para estes autores, o parâmetro do sujeito nulo no PB encontra-se estabilizado. As mudanças paramétricas que vão ocorrendo configuram o PB apenas como uma língua de sujeito nulo parcial, com características que o diferenciam tanto das línguas de sujeito nulo consistente como de línguas de sujeito não nulo, sem que ocorra uma alteração completa do parâmetro.

As características atuais do PB fazem com que o sujeito nulo ocorra residualmente, em contextos cada vez mais raros.

2.3.1. Perda da morfologia de concordância

No PB a restrição de contextos de sujeitos nulos está relacionada, entre outras razões, com a redução do sistema de flexão verbal, o que nas línguas românicas de sujeito nulo consistente, como o PE, constitui um dos fatores de legitimação de *pro* de acordo com Chomsky (1981) e Rizzi (1982).

No PB a morfologia de flexão verbal passou a ser mais uniforme, em virtude da menor variação em número e em pessoa, causada pelo sincretismo de formas verbais, que passaram a ser mais reduzidas e extensivas a outras pessoas do discurso.

Verificou-se no PB uma simplificação gradual do paradigma flexional, que passou de seis para três formas, decorrentes da substituição das segundas pessoas do singular e do plural: “tu” por “você” e “vós” por “vocês”; ainda da substituição da primeira pessoa do plural “nós” por “a gente”, que passaram a corresponder, todas elas, a uma forma verbal correspondente à terceira pessoa do singular. Estas alterações do paradigma flexional resultaram numa limitação ainda maior dos contextos de sujeito nulo e tornou necessária a presença de um sujeito pronominal, sobretudo em contexto de 3ª pessoa, como forma de evitar-se contextos de ambiguidade (Duarte, 1995; Ferreira, 2000; Barbosa *et al*, 2005).

A redução do paradigma verbal conduziu a um maior preenchimento da posição de sujeito sintático como forma de reduzir situações de ambiguidade, fazendo com que frases como (31) passassem a ser mais frequentes no PB, em contraste com o PE, que apresenta nulas as formas correspondentes ao sujeito sintático (32).

- (31) a. *Eu* falo o dialeto paulista.
b. A Maria, *ela* fala bem no microfone.
c. *Ele* chegou cedo, o menorzinho.
d. A Maria_i disse que *ela*_i esteve doente.

- (32) a. \emptyset falo o dialeto paulista.
b. A Maria, \emptyset fala bem no microfone.
c. \emptyset _i chegou cedo, o menorzinho_i.
d. A Maria_i disse que \emptyset _i esteve doente.

(Kato e Duarte, 2014:3)

A subida considerável no preenchimento da posição do sujeito aproxima o PB de línguas não *pro-drop* como o inglês e o francês.

Este crescimento foi acompanhado pelo uso frequente de construções com duplo sujeito, o que, para Duarte (2000: 6), poderá também estar na base dos altos níveis de sujeitos pronominais usados no PB.

A duplicação do sujeito ocorre com a combinação entre um NP e um pronome forte (33a), assim como em casos em que o mesmo pronome é tomado como pronome forte e fraco (33b), dependendo da posição que ocupa, e ainda em casos em que um pronome forte coocorre com uma forma simplificada, por isso fraca (33c), contextos que são muito raros nas línguas *pro-drop*, salvo em casos de hesitação por parte do falante (Barbosa *et al*, 2005: 7).

- (33) a. A Clarinha_i *ela*_i cozinha que é uma maravilha.

(Barbosa *et al*, 2005:7)

b. Eu, eu sinto demais isso, né?

c. Você, *cê* não me paga!

(Duarte, in: Kato e Negrão, 2000: 69)

2.3.2. Restrições ao uso de sujeitos nulos

É consensual no que diz respeito aos estudos sobre o parâmetro do sujeito nulo que o uso de pronome nulo ou pleno induz diferenças em relação à sua interpretação nas línguas *pro-drop*, o que a depender do contexto torna a frase aceitável ou agramatical.

Nas línguas de sujeito nulo consistente, como acima foi referido, há uma opção preferencial por sujeitos nulos. Nestas línguas o uso de *pro* costuma ser relacionado com o Princípio Evite o Pronome (Chomsky, 1981), que determina que nas línguas de sujeito nulo, em situações de alternância entre pronome nulo ou pleno, há um uso preferencial do pronome nulo em contextos em que este pronome retoma o sujeito da oração principal.

O PB tem preferencialmente preenchida a posição de sujeito na maioria dos contextos como acontece nas línguas não *pro-drop*. Este preenchimento está relacionado com a referencialidade do sujeito: quanto mais referencial maior a possibilidade de um pronome não-nulo.

A perda da riqueza do paradigma flexional fez com que o PB passasse a ter cada vez menos sujeitos nulos referenciais licenciados por Agr. A 1ª e a 2ª pessoas são as mais afetadas pela mudança, isto porque apresentam os maiores índices de referencialidade (34a/b).

A 3ª pessoa é a que apresenta menores índices de referencialidade (34c). A identificação do sujeito nulo de 3ª pessoa não é inteiramente realizada por Agr. Está ancorada à correferência com um antecedente, no caso, o SN que está numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com sujeitos correferentes (Duarte, 1995: 19; Kato *et al*, 2014: 6).

- (34) a. *Você* me disse que *você* está morando em Copacabana.
 b. Mesmo que *eu* não fizesse o pré-vestibular, *eu* acho que *eu* passaria por causa da base que *eu* tinha.
 (Kato et al, 2014: 6)
 c. *O João_i disse que Ø_i/*_j comprou um carro ontem. PB
 d. O João_i disse que Ø_i/_j comprou um carro ontem. PE

(Kato et al, 2014: 8)

O baixo nível de referencialidade da 3ª pessoa propicia uma interação de traços de animacidade. No PB o sujeito pronominal retoma preferencialmente um antecedente com o traço [+animado], o sujeito nulo retoma preferencialmente um antecedente que reúne em si, simultaneamente, os traços [- animado] e [+ genérico] (35c) (Duarte, 1995: 77).

- (35) a. [*A casa*]_i virou um filme quando *ela*_i teve de ir abaixo.
 b. [*Nova Trento*]_i é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. *Ela*_i é desse tamanho. *Ela*_i não tem paralela.
 c. *O Rio de Janeiro*_i é uma beleza! Realmente Ø_i é uma cidade linda.

(Kato et al, 2014: 7)

Em contextos impessoais, o PB continua a legitimar sujeitos nulos. É o caso dos sujeitos expletivos, que preferencialmente continuam a não permitir sujeitos pronominais, continuando a ser nulos (36a/b).

- (36) a. *pro* Está chovendo.

(Ferreira, 2000: 15)

- b. *pro* chove muito nessas florestas.

(Kato et al, 2014: 7)

As condições e a frequência de realização de *pro* no PB estão sujeitas a determinados limites. Ao contrário do que se verifica nas línguas *pro-drop*, no PB existem restrições à realização de sujeitos nulos.

No PB as restrições de *pro* surgem sobretudo em contexto de 3ª pessoa do singular, que, como foi referido, é o contexto com os menores níveis de referencialidade. Estas restrições ocorrem sobretudo em contextos encaixados.

2.3.3. Localidade do antecedente

Como acima foi referido, nas línguas de sujeito nulo consistente, tal como o PE, em contexto de encaixada, o pronome nulo retoma preferencialmente o antecedente sujeito matriz, como no exemplo acima apresentado e que aqui se retoma em (37), em que *pro* é correferente com *O João*, o sujeito matriz.

(37) O João_i disse que *pro*_i comprou um computador.

No PB é possível obter o mesmo efeito de (37) com um pronome expreso, à semelhança daquilo que se verifica nas línguas de sujeito não nulo como o inglês e o francês.

No PB uma interpretação em que o sujeito encaixado retoma como antecedente o sujeito matriz é possível com pronome expreso (38a), pois o PB tem sujeitos nulos com uma distribuição mais restrita e o Princípio Evite o Pronome não opera como nas línguas *pro-drop* consistentes: um pronome pleno pode retomar mais facilmente um sujeito de uma oração anterior (Duarte, 1995: 13; Kato *et al*, 2014; 8).

(38) a. O João_i disse que ele_{i/j} comprou um carro novo.

b. *John_i said that he_{i/j} bought a new car.*

(Kato *et al*, 2014: 8)

O referente do sujeito nulo no PB é determinado por processos distintos: i) através da ligação a uma entidade saliente no contexto, que pode ser o sujeito matriz, (39a); ii) através da ligação ao sujeito sintático da oração imediatamente anterior (39b), interpretação preferencial (Kato, 1999). Neste último caso, com o pronome pleno a interpretação preferencial no PB é aquela em que o pronome pleno retoma o antecedente sujeito matriz (39c).

(39) a. [O amigo do Pedro]_i disse que *pro*_{i/*2/*3} ganhou na lota.

b. O Paulo_i disse que o Pedro₂ acredita que *pro*_{*1/2/*3} ganhou.

c. O Paulo_i disse que o Pedro₂ acredita que *ele*_{1/2/*3} ganhou.

Em (39c) o sujeito pronominal retoma preferencialmente o antecedente sujeito matriz. Sob determinadas condições discursivas (interpretação pragmática) o pronome pleno pode retomar o antecedente sujeito sintático da oração imediatamente anterior.

2.3.3.1. A interpretação dos sujeitos nulos

Uma das restrições que o sujeito nulo apresenta no PB está relacionada com o tipo de interpretação obtida por uma categoria vazia (*pro*) e a interpretação obtida pelo pronome expreso.

Negrão (1997 *apud* Modesto, 2000: 80) refere que o sujeito nulo no PB em contextos de elipse de VP induz uma leitura *sloppy* (40a), isto é induz a interpretação de que o Paulo acha que ele próprio é inteligente, ao passo que no PE o sujeito nulo na mesma frase pode originar leituras diferentes – *strict* e *sloppy* – ou seja, permite também a interpretação em que o Paulo acha que o Pedro é inteligente; um sujeito pleno em PB pode induzir leituras *strict* e *sloppy* (40b):

(40) a. O Pedro_i acha que *pro*_i é inteligente e o Paulo também. (PB: *sloppy*; PE: *strict* e *sloppy*)

b. O Pedro_i acha que ele_i é inteligente e o Paulo também. (PB: *strict* e *sloppy*)

(Modesto, 2000: 80-81)

Para a autora acima citada, em (40a) na leitura *sloppy* o sujeito nulo corresponde a uma variável ligada. Na leitura *strict*, *pro* estará a funcionar como um pronome e retoma o sujeito matriz.

Ainda citando Negrão, Modesto refere que no PB *pro* é sempre interpretado como uma variável ligada, enquanto o sujeito pronominal não. Isto faz com que o sujeito nulo e o sujeito pronominal encaixados tenham interpretações diferentes em frases em que tenham como antecedente um DP (41a).

(41) a O João_i acha que *pro*_i vai ganhar a corrida.

b. O João_i acha que *ele*_i vai ganhar a corrida.

Num contexto como (41a) o PB favorece uma interpretação em que o João é a única pessoa que acha que ele vai ganhar a corrida e todos os outros acham que ele a vai perder. Em (41b) há um contexto em que apenas o João acredita que vai ganhar a corrida, entretanto há outras pessoas que também acreditam que tal possa acontecer, isto porque no PB o pronome pleno não é normalmente interpretado como variável ligada.

Modesto (2000: 162) refere, no entanto, que num contexto como (41b) a leitura *sloppy* é preferencial se, à partida, não houver correferência entre o sujeito nulo encaixado com o sujeito da oração matriz, como em (42).

(42) O Pedro_i acha que *pro* é inteligente e o Paulo também (acha que *pro* é inteligente).

No PB o sujeito nulo pode ainda ocorrer em certos contextos com uma interpretação genérica: i) em contextos em que não existe um sujeito que c-comande o pronome nulo (43a); ii) em contexto de interrogativa. Nestes contextos a correferência estabelece-se a partir de um tópico discursivo.

(43) a. *pro* Não usa mais saia.

b. Onde *pro* compra cartão postal aqui?

(Figueiredo Silva, 2000: 129)

2.4. Que tipo de categoria vazia é o sujeito nulo no PB e no PE (*pro*, variável, PRO, vestígio?)

Como se tem referido ao longo deste trabalho, é consensual que no PE a categoria vazia sem realização fonética em orações finitas corresponde a *pro* – um pronominal sem matriz fonética, legitimado por uma flexão com determinadas propriedades e, quando argumental, identificado pela flexão ou por um antecedente (Costa *et al*, 2015).

Entretanto, não há consenso quanto ao estatuto do sujeito nulo no PB: para Duarte (1995) e Ferreira (2000) o sujeito nulo que ocorre no PB é *pro* com marcas e traços

gramaticais apesar de ser limitado, em face à redução da sua morfologia de flexão; para Negrão e Müller (1996) e Modesto (2011) é uma variável ligada por um tópico, para outros é um vestígio de movimento-A (Modesto, 2000; Figueiredo e Silva, 2000) ou até várias destas formas dependendo do contexto.

Há, por um lado, a evidência de que o PB perdeu a capacidade de legitimar *pro*, em virtude do enfraquecimento do seu sistema flexional, originando maiores contextos de ambiguidade. Em consequência disto, a identificação de *pro* no PB tornou-se mais limitada, uma vez que deixou de se processar por meio de *Agr*, sobretudo em contextos de 3ª pessoa (Duarte, 1995).

Com o enfraquecimento da flexão verbal os contextos de sujeito nulo ficaram reduzidos aos expletivos, aos sujeitos de referência genérica e aos nulos encaixados (Duarte, 1995; Kato *et al*, 2014; Ferreira, 2000).

Há autores que referem que o sujeito nulo encaixado no PB é um vestígio resultante do movimento de um elemento que se moveu da posição de nulo encaixado para uma posição mais alta, a fim de receber papel temático. Para esta perspetiva, a interpretação do sujeito nulo encaixado é propiciada pela correferência com o elemento em posição mais alta, com o qual o sujeito nulo estabelece uma relação de c-comando e do qual recebe os traços de número e pessoa (44a) (Ferreira, 2000: 35; Modesto, 2011: 7; Rodrigues, 2004: 114).

(44) a. João disse que Maria acha que *pro* é bonita.

b. * O João disse [que Maria acha [que *pro* é bonito]].

(Ferreira, 2000: 31/32)

Em (44a) a frase é gramatical porque o sujeito nulo é c-comandado por um elemento situado numa posição mais alta, o sujeito da oração superior, a partir do qual recebe traços de género e número, o que não acontece em (44b) pois o facto de o adjetivo se encontrar no masculino indica que o sujeito da oração encaixada deve necessariamente possuir o traço masculino.

Em contextos genéricos, no PB *pro* é legitimado por um tópico discursivo: o contexto de interrogativas constitui um exemplo disto (Figueiredo e Silva, 2000: 129).

- (45) a. Não usa mais saia.
b. Onde compra cartão postal por aqui?

Figueiredo Silva (2000: 129)

Portanto, pode-se dizer que, apesar de algumas restrições gramaticais, o sujeito nulo continua a ser legitimado no PB.

2.5. O Parâmetro *pro drop* no português falado em Angola

O que é que se sabe sobre o sujeito nulo no português de Angola?

Há, atualmente, pouca literatura sobre o parâmetro do sujeito nulo para o português falado em Angola (PA). Entre os trabalhos voltados ao estudo do parâmetro do sujeito nulo na variedade do português em Angola destaca-se o trabalho de Santos e Oliveira (2007), baseado num estudo do *corpus* de Chavagne (2005).

Santos e Oliveira (2007: 12) referem que as categorias vazias na posição de sujeito em produções espontâneas constituem evidências explícitas que atestam o PA como uma língua de sujeito nulo, à semelhança do que se verifica no PE. Ainda de acordo com os mesmos autores, o PA legitima sujeitos nulos em contextos raiz, em todas as pessoas em orações encaixadas, quer argumentais, quer expletivos, como se pode verificar em (46):

(46)

Eh pá me CHAMAM de chefe, portanto, de princípio *pro* SOU uma pessoa muito animadora talvez *pro* DIGAMOS assim né? E quando *pro* CHEGUEI aqui portanto EU saí do Tchivinguiro para aqui é pá *pro* DIGO bem melhor chefe porque de princípio os outros de chefe. Chefe, chefe, pronto ELES também agora me meteram o nome de chefe.

(Santos e Oliveira, 2007: 12)

De acordo com os autores verificam-se também contextos em que a posição de sujeito pronominal apresenta maiores níveis de preenchimento, isto também em dados de produção espontânea:

- (47) a. Por acaso *eu* não acho. *Eu* acho que matemática quando bem entendida, *ela* é boa.
b. Quer dizer *ele* é um jogador, *pro* consegue, *pro* consegue de mudar o resultado em vinte e quatro segundos.
c. Uma coisa muito curiosa, *eu* sei que *tu* vieste de Cabinda.
d. Foi muito fácil *pro* adaptares a viver aqui?

(Oliveira e Santos, 2007: 14)

No *corpus* os contextos de 1ª pessoa apresentam consideráveis níveis de preenchimento da posição de sujeito, o que também se verifica no PE e no PB.

Interessa para este trabalho, sobretudo, a variação que se verifica em contextos de terceira pessoa, com o preenchimento da posição de sujeito nalguns contextos e não noutros.

Assumindo que o PA legitima sujeitos nulos, tal como as variedades padrão, é de interesse deste trabalho procurar compreender o tipo de interpretação preferencial dos falantes angolanos em diferentes contextos de sujeito nulo e sujeito pronominal, que têm mostrado estar sujeitos a alguma variação no PE e no PB.

Pretende-se analisar sujeitos nulos e pronominais em orações encaixadas e com diversos tipos de antecedentes com o objetivo de perceber se a interpretação realizada no PA é semelhante àquela que se verifica no PE e se o sujeito nulo do PA tem o mesmo estatuto que em PE, ou se, pelo contrário, se aproxima do PB.

2.5. Síntese e questões em aberto

Em síntese, acerca do parâmetro do sujeito nulo em português, pode ser referido o seguinte:

1. As diferentes variedades do português não têm funcionamento uniforme em relação ao parâmetro do sujeito nulo no português.
2. O PE é uma língua de sujeito nulo consistente (tal como o italiano, o espanhol, o catalão e o basco).
3. No PE a identificação de *pro* é realizada por Agr, por correferência com um antecedente em posição mais alta, definido pelo contexto discursivo ou por um antecedente definido pelo contexto situacional.
4. O PE possui um sistema de flexão rico que lhe permite recuperar informação referencial sobre os sujeitos.
5. O sujeito nulo constitui a opção preferencial do PE.
6. No PE, o sujeito nulo encaixado é preferencialmente correferente com o sujeito matriz mas há a possibilidade de correferência entre o sujeito nulo e um elemento distinto do sujeito matriz em contextos pragmáticos adequados.
7. Em PE, com antecedente quantificado o sujeito nulo tem preferencialmente uma interpretação de variável ligada.
8. O PB é uma língua de sujeito nulo parcial (como o finlandês e o cabo-verdiano).
9. O PB sofreu uma redução no seu sistema de flexão, o que tornou ambíguos os contextos de sujeito nulo, sobretudo em relação à 3ª pessoa.
10. No PB *pro* está disponível mas não pode ser identificado por Agr, ou seja, não dispõe das mesmas propriedades interpretativas de *pro* nas línguas de sujeito nulo consistente.
11. Os contextos de sujeito nulo estão sujeitos a maiores restrições no PB que no PE.
12. A identificação de *pro* em PB requer que este seja interpretado como estando ligado por um antecedente que o c-comanda.
13. O PB legitima uma leitura *strict*, em que o sujeito nulo encaixado é correferente com o sujeito da oração matriz e uma leitura *sloppy* em que o antecedente preferencial do sujeito nulo pode ser um elemento que desempenha uma função diferente do sujeito da matriz.
14. Dependendo dos autores e dos contextos, o sujeito nulo no PB pode ser analisado como uma variável ligada por um tópico, como um pronome nulo *pro*, com marcas e traços gramaticais; pode ser PRO uma estrutura de controlo, pode ser um vestígio resultante do movimento-A de uma posição encaixada para uma posição mais elevada na frase ou várias destas formas, dependendo do contexto.
15. O PA aparenta ser uma língua de sujeito nulo mais próxima do PE.

Como ainda são escassos os trabalhos que incidem sobre o sujeito nulo no PA, este trabalho procurará dar resposta às seguintes questões, que se consideram estar em aberto:

1. Qual é a interpretação preferencial dos falantes angolanos para os sujeitos nulos e pronominais com antecedentes quantificados e não quantificados?
2. Os falantes angolanos distinguem sujeitos nulos e pronominais em orações completivas e adverbiais na retoma de antecedentes sujeito ou objeto?
3. No PA há aceitação de leituras *strict* e *sloppy* em contextos de sujeitos nulos encaixados?
4. No PA aceitam-se antecedentes sujeito e objeto para sujeitos nulos e pronominais encaixados?
5. O PA tem propriedades semelhantes ao PE ou tem restrições de interpretação como o PB?

É objetivo deste trabalho procurar dar respostas a estas e a outras questões sobre a interpretação dos sujeitos nulos e pronominais do português de Angola

Na secção seguinte é apresentada a metodologia usada no estudo realizado com vista a dar respostas às questões acima formuladas.

3. Metodologia

O principal objetivo deste trabalho é o de compreender como são interpretados os sujeitos nulos e pronominais encaixados por falantes angolanos e verificar se estão sujeitos ao mesmo tipo de restrições que no PE, língua de sujeito nulo consistente, ou se estão sujeitos a restrições semelhantes às aquelas que se observam no PB, língua de sujeito nulo parcial.

Para materializar este propósito foi construído um teste escrito que foi aplicado a dois grupos de informantes.

Apenas foram testados sujeitos encaixados de 3ª pessoa do singular, em contextos em que há maior variação entre o PE e o PB.

A interpretação e legitimação de sujeitos nulos e pronominais foi testada em quatro tarefas específicas: i) Tarefa de aceitação de interpretações de sujeitos nulos e pronominais com antecedentes quantificados e não quantificados; ii) Tarefa de leituras preferenciais de sujeitos nulos e pronominais em contextos ambíguos; iii) Tarefa de interpretação de leituras *strict* e *sloppy*; iv) Tarefa de juízos de gramaticalidade com sujeitos nulos e plenos e antecedentes em diferentes posições sintáticas.

i) Tarefa de aceitação de interpretações: A tarefa de interpretação/aceitação teve como objetivo testar se há diferenças entre sujeitos nulos e pronominais quanto à possibilidade de estarem ligados por um antecedente sujeito quantificado e não quantificado.

No PE, tal como nas línguas de sujeito nulo consistente, este tipo de correferência é possível com sujeito nulo e com sujeito pronominal, apesar de legitimar dois tipos de interpretações diferentes (Montalbetti, 1984: 84). Numa leitura de variável ligada, apenas são possíveis sujeitos nulos.

De acordo com Modesto (2000) e Ferreira (2000), o PB admite apenas a leitura de variável ligada com pronome nulo, ao passo que em PE *pro* pode estar ligado ou remeter para outra entidade discursiva. No PB o sujeito nulo será agramatical se estiver contido numa oração mais encaixada. Num contexto como (48) o PB só aceita o pronome realizado.

(48) Nenhum menino disse que a Ana acha que é simpático.

A partir desta constatação pretendeu-se verificar que tipo de interpretações são permitidas no PA.

ii) Tarefas de leituras preferenciais: Na tarefa de leituras preferenciais testou-se se havia diferenças entre sujeitos nulos e pronominais em orações completivas e em orações adverbiais pospostas na retoma preferencial de um antecedente sujeito ou objeto em contexto de ambiguidade.

Nas variedades padrão há variação de interpretação de sujeitos nulos e pronominais nos contextos referidos.

No PE em orações completivas e adverbiais, constata-se que os sujeitos nulos retomam preferencialmente antecedentes sujeitos e os sujeitos pronominais retomam preferencialmente antecedentes diferentes do sujeito. Entretanto, o pronome pleno, por ser mais livre, nalguns casos, pode ser interpretado como correferente com o sujeito matriz. As taxas de correferência do pronome pleno com o sujeito são geralmente baixas, comparativamente à correferência entre o pronome nulo com o sujeito matriz, confirmando que esta é a opção preferencial no PE (Lobo e Silva, 2016; Silva, 2015; Luegi, 2012; Costa *et al.*, 1998).

O sujeito pronominal constitui a opção preferencial no PB. O PB legitima sujeitos pronominais em contextos em que se esperaria sujeitos nulos nas línguas *pro-drop*. Ao contrário das línguas *pro-drop*, no PB o pronome pleno pode retomar quer o sujeito, quer o objeto.

Pretende-se perceber a leitura preferencial dos falantes angolanos nos contextos referidos. Os sujeitos nulos e pronominais encaixados em orações completivas com o

indicativo e em orações adverbiais retomam preferencialmente antecedentes sujeitos ou objetos?

iii) Tarefa de interpretação: A tarefa de interpretação pretende verificar que tipo de categoria vazia é o sujeito nulo no PA, se é um pronome ou se é uma variável. Se o sujeito nulo no PA for um pronome nulo, espera-se que sejam aceites apenas leituras *strict*, se for uma variável, espera-se que se sejam aceites leituras *strict e sloppy*. (Costa e Lobo, 2010; Costa *et al*, 2015).

Nas línguas de sujeito nulo consistente como o PE, a leitura preferencial é aquela que tende a recuperar o sujeito da oração matriz, ou seja a leitura *strict*, o que é atribuível ao facto de o sujeito ser um pronominal nulo, se a categoria vazia for uma variável, admite-se tanto uma leitura *strict*, como uma leitura *sloppy* (Miyagawa, 2009; Costa *et al*, 2015).

iv) Tarefa de juízos de gramaticalidade: A tarefa de juízos de gramaticalidade pretendeu analisar se no PA há aceitação de antecedentes sujeito e objeto para sujeitos nulos e pronominais encaixados em contextos não ambíguos. Em particular, pretendeu-se compreender se, para além da correferência com o sujeito, os informantes aceitavam a correferência entre o sujeito nulo e o objeto da oração matriz em contextos que forçavam essa leitura, isto é, se aceitava um antecedente que não o c-comandava, o que é possível em PE, mas não em PB.

3.1. O teste

O teste estava constituído por quatro tarefas, como já foi referido.

Para as três primeiras tarefas, pedia-se que o informante escolhesse a opção que melhor achasse que se adequava ao contexto. Na tarefa número 4 pediu-se que os informantes avaliassem a aceitabilidade das frases de acordo com uma escala que ia de 1 a 4.

Antes da aplicação definitiva do teste aos grupos de informantes, foi aplicado um teste piloto a 6 angolanos, residentes há um ano em Portugal, para se aferir a consistência das questões colocadas no teste.

Os resultados obtidos no teste piloto permitiram que se pudessem reformular algumas questões.

3.2. Participantes

Os testes foram aplicados a dois grupos de informantes. O primeiro grupo era constituído por 35 informantes adultos angolanos. Entre os 35 informantes havia 16 do sexo masculino e 19 informantes do sexo feminino. As suas idades eram compreendidas entre os 16-19 anos (8); 20-23 anos (22); 24-27 (5) anos.

Os informantes eram alunos que se preparavam para os Exames de Acesso à Faculdade de Direito da Universidade Mandume Ya Ndemufayo e para o curso de Linguística/Português no ISCED Huíla, ambas instituições situadas na cidade do Lubango. Todos os informantes tinham o português como língua materna.

As aulas de preparação para os referidos Exames de Acesso eram nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Cultura Geral. Neste sentido pode-se dizer que o grupo possuía certo à vontade em relação às questões colocadas no teste, o que à partida contribuiria para o alcance dos objetivos definidos.

O segundo grupo de informantes funcionou como grupo de controlo. Era constituído por 21 alunos dos cursos de Línguas, Literaturas e Culturas e de Tradução da FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Todos os informantes eram falantes nativos do PE, condição previamente estabelecida para que se pudessem comparar os resultados de um e de outro grupo.

Tal como em relação ao primeiro grupo, neste caso o teste também foi aplicado em contexto de sala de aula, pois foi a forma achada para se poder aplicar o teste a um grupo coeso.

3.3. Materiais

Para a realização desta pesquisa foi usado um teste com quatro tarefas: 1 - tarefa de aceitação de interpretações; 2 – tarefa de leituras preferenciais; 3 – tarefa de interpretação; 4 – tarefa de juízos de gramaticalidade (Ver Teste completo em Anexo).

Para cada tarefa foram estabelecidas estruturas específicas que visaram avaliar se para os falantes do PA:

i) Há diferença entre sujeitos nulos e pronominais quanto à possibilidade de estarem ligados por um antecedente sujeito quantificado e não quantificado – (Tarefa de aceitação de interpretações).

ii) Há diferenças entre sujeitos nulos e pronominais em orações completivas e em orações adverbiais pospostas na retoma preferencial de um antecedente sujeito ou objeto em contextos de ambiguidade – (tarefa de leituras preferenciais).

iii) Há aceitação de leituras *strict* e *sloppy* de sujeitos nulos encaixados – (Tarefa de interpretação).

iv) Há aceitação de antecedentes sujeito e objeto para sujeitos nulos e pronominais encaixados em contextos não ambíguos.

Segue-se uma amostra das perguntas usadas para cada uma das tarefas testadas.

Tarefa de aceitação de interpretações: Pedia-se a cada informante que escolhesse entre as frases apresentadas, aquelas em que o sujeito nulo/pronominal encaixado podia ser correferente com o sujeito da oração matriz.

A instrução usada foi a seguinte: *Marque com um “X” as frases que são possíveis numa leitura em que os sujeitos das duas orações são as mesmas pessoas.*

As variáveis manipuladas foram: i) o tipo de sujeito encaixado (nulo vs. pronominal) e ii) o tipo de sujeito da matriz (sujeito não quantificado vs. sujeito quantificado). O teste tinha portanto 4 condições: i) sujeito nulo encaixado com sujeito quantificado na matriz;

ii) sujeito pronominal encaixado com sujeito quantificado na matriz; iii) sujeito nulo encaixado com sujeito não quantificado na matriz; iv) sujeito pronominal com sujeito não quantificado na matriz.

A seguir apresentam-se exemplos de frases para cada uma das condições testadas:

i) Sujeito nulo encaixado com sujeito quantificado:

Nenhum político acha que *pro* pode ser preso.

ii) Sujeito pronominal encaixado com antecedente sujeito quantificado:

Todas as crianças sabem que elas devem ir para a cama cedo.

iii) Sujeito nulo encaixado com antecedente sujeito não quantificado:

Os alunos acham que *pro* vão ter uma boa nota.

iv) Sujeito pronominal encaixado com antecedente sujeito não quantificado:

Os alunos acham que *eles* vão ter boa nota.

Esta tarefa contou com catorze itens, distribuídos em: i) sujeito nulo encaixado com antecedente sujeito quantificado (4 itens); ii) sujeito pronominal encaixado com antecedente sujeito quantificado (4 itens); iii) sujeito nulo encaixado com antecedente sujeito não quantificado (3 itens); iv) sujeito pronominal encaixado com antecedente sujeito não quantificado (3 itens). Os sujeitos quantificados continham o quantificador *todos*, o quantificador *qualquer* e o quantificador negativo *nenhum*.

Tarefa de leituras preferenciais:

Nesta tarefa foram apresentadas duas hipóteses de resposta para cada item testado: entre os antecedentes disponíveis (sujeito ou objeto), o informante devia assinalar o que lhe parecia mais natural como correferente com o sujeito nulo ou pronominal.

Consideraram-se as seguintes variáveis: i) tipo de sujeito encaixado (nulo vs. pronominal) e ii) tipo de frase subordinada (completiva vs. adverbial).

A tarefa tinha assim 4 condições: i) sujeito nulo em completiva; ii) sujeito pronominal em completiva; iii) sujeito nulo em adverbial; iv) sujeito pronominal em adverbial.

A instrução dada ao informante era a seguinte: *Em cada frase apresentam-se-lhe duas hipóteses de resposta. Assinale a alternativa que lhe parece mais natural.*

Apresentam-se exemplos de frases testadas em cada contexto:

i) Sujeito nulo em completiva:

O Rui disse ao Paulo que *pro* tinha ficado em primeiro lugar.

Pergunta: Quem tinha ficado em primeiro lugar?

Hipóteses de resposta:

_____ O Rui _____ O Paulo

ii) Sujeito pronominal em completiva

O Pedro perguntou ao Zé se *ele* tinha sido convidado.

Pergunta: Quem tinha sido convidado?

Hipóteses de resposta:

_____ O Zé _____ O Pedro

iii) Sujeito nulo em adverbial

O avô cumprimentou o vizinho quando *pro* saiu de casa.

Pergunta: Quem é que saiu de casa?

Hipóteses de resposta:

_____ O Avô _____ O vizinho

iv) Sujeito pronominal em adverbial

O Rui fotografou o Paulo quando *ele* saiu de casa.

Pergunta: Quem é que saiu de casa?

Hipótese de resposta:

_____ O Paulo _____ O Rui

A tarefa de leituras preferenciais contou com (24 itens), assim distribuídos: i) sujeito nulo em completiva (6 itens); sujeito pronominal em completiva (6 itens); sujeito nulo em adverbial (6 itens); sujeito pronominal em adverbial (6 itens).

Tarefa de interpretação:

Na tarefa de interpretação, testa-se a aceitação de leituras *strict* ou *sloppy* para sujeitos nulos encaixados. Procura-se saber se os informantes aceitam uma leitura em que o sujeito nulo tem uma referência idêntica a um DP presente numa oração coordenada anterior ou se aceitam preferencialmente uma leitura que recupera apenas parcialmente este antecedente.

A instrução dada nesta tarefa foi a seguinte: *Nas frases abaixo indicadas, escolha a expressão que melhor se ajusta a cada caso.*

O Pedro disse que os pais estavam contentes e o Paulo disse que *pro* estavam tristes.

A expressão sublinhada refere-se:

- A. Aos pais do Pedro
- B. Aos pais do Paulo
- C. Aos pais de qualquer um deles

A Ana acha que o chefe é simpático e a Rita acha que é antipático:

A expressão sublinhada refere-se:

- A. Ao chefe de qualquer uma delas
- B. Ao chefe da Ana
- C. Ao chefe da Rita

Nesta tarefa foram testados (6 itens) todos com a mesma estrutura apesar de num ou noutro caso os antecedentes na posição de sujeito da oração matriz pertencerem a géneros diferentes.

Tarefa de juízos de gramaticalidade:

Nesta tarefa, forçava-se a leitura em que o sujeito nulo ou pronominal encaixado era correferente com o sujeito ou com o objeto da matriz (através da manipulação de concordância em género) e pedia-se ao informante que avaliasse a sua aceitabilidade. Foram testados os seguintes contextos: i) sujeito nulo encaixado correferente com objeto matriz; ii) sujeito pronominal encaixado correferente com objeto matriz; iii) sujeito pronominal encaixado correferente com sujeito matriz; iv) sujeito nulo encaixado correferente com sujeito matriz.

Foi pedido aos informantes que classificassem as frases apresentadas de acordo com uma escala que ia de 1 a 4, correspondendo a: (1) – Totalmente aceitáveis; (2) – Aceitáveis mas um pouco estranhas; (3) – Muito estranhas; (4) – Inaceitáveis.

A instrução dada foi: *Numa escala de 1-4, classifique cada uma das frases, consoante as considera:*

Seguem-se exemplos de cada uma das condições testadas:

i) Sujeito nulo encaixado correferente com objeto matriz

O Zé perguntou à Ana se estava grávida (1) (2) (3) (4)

ii) Sujeito pronominal encaixado correferente com objeto matriz

O Rui perguntou à avó se ela estava cansada (1) (2) (3) (4)

iii) Sujeito pronominal encaixado correferente com sujeito matriz

A Ana disse ao Rui que ela estava grávida (1) (2) (3) (4)

iv) Sujeito nulo encaixado correferente com sujeito matriz

A avó disse ao neto que estava cansada (1) (2) (3) (4)

Nesta tarefa foram testados 16 itens, assim repartidos: i) sujeito nulo encaixado correferente com objeto matriz (4 itens); sujeito pronominal encaixado correferente com objeto matriz (4 itens); sujeito pronominal encaixado correferente com sujeito matriz (4 itens); sujeito nulo encaixado correferente com sujeito matriz (4 itens).

4. Análise dos resultados

Para o tratamento dos dados fez-se a análise comparada dos resultados obtidos para cada um dos grupos (grupo de portugueses e grupo de angolanos) em cada tarefa, considerando as condições correspondentes.

4.1. Resultados da tarefa 1

Na tarefa de aceitação de interpretação, esperava-se que no PE o sujeito nulo aceitasse leituras correferenciais com antecedentes quantificados e que o sujeito pronominal não aceitasse facilmente leituras correferenciais com antecedentes quantificados. Em contexto de antecedentes não quantificados esperava-se mais facilmente a aceitação da correferência do sujeito nulo com o antecedente não quantificado do que com sujeitos pronominais.

No PA esperava-se uma maior aceitação de leituras correferenciais entre o sujeito nulo com antecedentes quantificados, o mesmo ocorrendo entre sujeito nulo e antecedentes não quantificados. Em relação aos sujeitos pronominais esperava-se que pudessem constituir um contexto de variação, havendo casos de aceitação de correferência entre sujeito pronominal encaixado com sujeito matriz e outros casos em que esta correferência pudesse retomar um antecedente do contexto discursivo (uma interpretação pragmática), como acontece no PB.

Observe-se o quadro a seguir em que se podem comparar as performances do grupo em estudo, constituído por angolanos, e do grupo de controlo, constituído por portugueses, na primeira tarefa:

Tarefa de aceitação de interpretação	Condição	Angolanos		Portugueses	
		Nº	%	Nº	%
	Sujeito Nulo Antecedente DP	49/105	47%	59/63	94%
	Sujeito Nulo Antecedente Q	64/140	46%	67/84	80%
	Pronome Antecedente DP	56/105	53%	20/63	32%
	Pronome Antecedente Q	58/140	41%	19/84	23%

Quadro nº 1. Resultados obtidos para a tarefa de aceitação de interpretação de sujeitos nulos e pronominais com antecedentes quantificados e não quantificados, por grupo e por condição.

Os resultados do grupo de controlo aproximam-se do esperado. As suas performances situam-se acima dos 80% em relação à possibilidade de o sujeito nulo encaixado retomar um antecedente quantificado. O grupo de controlo maioritariamente não aceita a interpretação em que o sujeito pronominal retoma um antecedente quantificado, como se pode verificar pelos resultados (apenas 23% de aceitação).

Em relação ao grupo em estudo, as suas respostas mostram que não há preferência clara, no grupo, por uma das leituras, o que nos leva a olhar para os resultados individuais. Por outro lado, são particularmente interessantes os resultados verificados para a correferência entre o sujeito pronominal e o antecedente quantificado ou não quantificado, em que se verifica também uma certa variação com maior taxa de aceitação para os contextos em que o sujeito pronominal retoma o antecedente não quantificado.

Viu-se pelos resultados correspondentes à Tarefa de aceitação de interpretação que o grupo em estudo apresenta variações consideráveis, situadas ao nível do acaso, diferentemente do grupo de controlo que apresenta resultados aproximados ao esperado.

A variação verificada nos resultados dos angolanos não permite afirmar claramente que nesta variedade o sujeito nulo retoma o antecedente quantificado ou não quantificado e que o pronome pleno pode ser uma variável ligada ao antecedente quantificado sujeito.

Tendo isto em conta, pretende-se olhar individualmente para os resultados dos angolanos nestas duas tarefas, no sentido de perceber se esta variação é comum a todos os participantes ou resulta de performances individuais. O mesmo tipo de tratamento será efetuado para o grupo de controlo, com o propósito de se comparar os resultados a nível individual.

No quadro a seguir apresentam-se os resultados individuais de todos os participantes angolanos. Os participantes são identificados por números (1-35), conforme a ordem usada para a seleção de dados. Para cada condição apresenta-se o número de aceitação de leituras em que o sujeito encaixado retoma o sujeito matriz.

Participantes	N DP	N Q	Total	%	Pr. DP	Pr. Q	Total	%
1	2/3	4/4	6/7	85,7	0/3	0/4	0	0,0
2	2/3	0/4	2/7	28,5	3/3	3/4	6/7	85,7
3	3/3	4/4	7/7	100	0/3	1/4	1/7	0,14
4	3/3	3/4	6/7	85,7	2/3	2/4	4/7	57,1
5	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
6	0/3	0/4	0/7	0,0	3/3	4/4	7/7	100
7	2/3	2/4	4/7	57,1	1/3	1/4	2/7	28,5
8	0/3	0/4	0/7	0,0	3/3	4/4	7/7	100
9	3/3	3/4	6/7	85,7	2/3	2/4	4/7	57,1
10	0/3	0/4	0/7	0,0	1/3	0/4	1/7	0,14
11	1/3	3/4	4/7	57,1	2/3	1/4	3/7	42,8
12	2/3	4/4	6/7	85,7	2/3	3/4	5/7	71,4
14	1/3	3/4	4/7	57,1	0/3	0/4	0/7	0,0
15	2/3	4/4	6/7	85,7	0/3	0/4	0/7	0,0
16	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
17	0/3	0/4	0/7	0,0	3/3	4/4	7/7	100
18	2/3	1/4	3/7	42,8	2/3	2/4	4/7	57
19	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
20	0/3	1/4	1/7	0,14	1/3	1/4	2/7	28,5
21	1/3	0/4	1/7	0,14	3/3	1/4	4/7	57,1
22	0/3	0/4	0/7	0,0	3/3	4/4	7/7	100
23	3/3	4/4	7/7	100	3/3	4/4	7/7	100
24	2/3	1/4	3/7	42,8	1/3	1/4	2/7	28,5
25	0/3	1/4	1/7	0,14	3/3	4/4	7/7	100
26	0/3	0/4	0/7	0,0	1/3	4/4	5/7	71,4
27	1/3	2/2	3/7	42,8	3/3	3/4	6/7	85,7
28	3/3	1/4	4/7	57,1	2/3	2/4	4/7	57,1
29	0/3	0/4	1/7	0,0	2/3	3/4	5/7	71,4
30	0/3	1/4	1/7	0,14	3/3	2/4	5/7	71,4
31	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	100
32	0/3	0/4	0/7	0,0	3/3	3/4	7/7	100
33	2/3	2/4	4/7	57,1	1/3	1/4	2/7	28,5
34	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
35	2/3	3/4	5/7	71,4	1/3	1/4	2/7	28,5

Quadro nº 2. Resultados individuais de cada participante do grupo de estudo (angolanos) correspondentes à Tarefa de aceitação de interpretação, por condição.

As respostas individuais do grupo dos angolanos indiciam a existência de três perfis de informantes:

- a) Os que têm desempenhos iguais aos que se verificam para o PE (informantes 1, 3, 5, 15, 16, 19, 31, 34 e 35).
- b) Os que têm desempenhos opostos aos do PE (informantes 2, 6, 8, 17, 22, 25, 26, 27, 29, 30, 32).
- c) Os que não distinguem os 2 contextos – resultados semelhantes para nulo e pronome, ora aceitando a retoma para ambos os tipos de pronome, ora rejeitando para ambos os tipos, ora tendo resultados variáveis para ambos os tipos.

No PA a retoma do antecedente quantificado e não quantificado por pronome nulo encaixado não é categórica, apesar de esta ser a tendência preferencial, o que confirma, de algum modo, as previsões iniciais deste trabalho.

Os pronomes plenos são um contexto de maior variação, pois há casos de informantes que os aceitam categoricamente como variável ligada, identificados com o sujeito, como sendo a mesma pessoa, e há outros casos de informantes que não aceitam esta opção.

A seguir apresentam-se os resultados individuais do grupo de controlo, como termo de comparação às performances individuais do grupo em estudo.

Participantes	N DP	N Q	Total	%	Pr. DP	Pr. Q	Total	%
1	1/3	0/4	1/7	14	2/3	2/4	4/7	57
2	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
3	3/3	4/4	7/7	100	3/3	1/4	4/7	57
4	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
5	3/3	4/4	7/7	100	2/3	3/4	5/7	71
6	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
7	3/3	4/4	7/7	100	3/3	1/4	4/7	57
8	3/3	4/4	7/7	100	2/3	2/4	4/7	57
9	3/3	4/4	7/7	100	1/3	1/4	2/7	28,5
10	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
11	3/3	4/4	7/7	100	2/3	4/4	6/7	85,7
12	3/3	4/4	7/7	100	3/3	0/4	3/7	42
13	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
14	3/3	1/4	4/7	57	1/3	0/4	1/7	14
15	2/3	1/4	3/7	42	1/3	2/4	3/7	42
16	3/3	4/4	7/7	100	0/3	0/4	0/7	0,0
17	3/3	4/4	7/7	100	2/3	0/4	2/7	28,5
18	2/3	2/4	4/7	57	0/3	1/4	1/7	14
19	3/3	4/4	7/7	100	0/3	1/4	1/7	14
20	3/3	3/4	6/7	85,7	0/3	0/4	0/7	0,0
21	3/3	0/4	3/7	42	1/3	1/4	2/7	28,5

Quadro nº3. Resultados individuais de cada participante do grupo de controlo (portugueses) correspondentes à Tarefa de interpretação/aceitação, por condição.

Os resultados individuais dos portugueses, apesar de não serem categóricos, confirmam que no PE o sujeito nulo encaixado pode ser tomado como variável ligada com o sujeito quantificado da matriz. A opção de ligação entre o pronome pleno e antecedente quantificado e não quantificado não é aceite pela maioria dos informantes.

4.2. Resultados na tarefa 2

Na tarefa de leituras preferenciais era esperado que pudessem ser estabelecidas diferenças entre sujeitos nulos e pronominais em orações completivas e em adverbiais. Esperava-se que, em contextos de ambiguidade, como nos que foram testados, os falantes angolanos optassem por validar casos em que o sujeito nulo retomaria preferencialmente o sujeito matriz e o sujeito pronominal retomaria um antecedente objeto, como Lobo e Silva (2016) e Silva (2015) afirmam que acontece no PE.

Tarefa de leituras preferenciais	Condição	Angolanos		Portugueses	
		Nº	%	Nº	%
	Nulo Completiva	146/210	70%	85/126	67%
	Nulo Adverbial	113/210	54%	104/126	83%
	Pronome Completiva	113/210	54%	31/126	25%
	Pronome Adverbial	99/210	47%	35/126	28%

Quadro nº4. Taxas de seleção de antecedente sujeito na tarefa 2, por grupo e por condição

Os resultados apresentados demonstram que o grupo de controlo faz uma clara distinção entre pronomes nulos e plenos em contexto de completivas e adverbiais, confirmando as previsões acima apresentadas, na mesma linha de trabalhos anteriores (Lobo e Silva, 2014; Silva: 2015; Luegi, 2012 e Costa *et al*, 1998) no PE, nestes contextos, o pronome nulo retoma preferencialmente o sujeito matriz e o pronome pleno retoma um elemento diferente do sujeito matriz.

Os resultados do grupo de angolanos denotam variação em relação ao PE, isto porque, se, por um lado, o pronome nulo em completiva denota uma retoma preferencial pelo sujeito matriz, as performances verificadas em relação ao pronome pleno situam-se também perto dos 50%, o que pode indicar que não há preferência clara por nenhuma das leituras.

O contexto de oração adverbial, para o grupo de angolanos, indicia igualmente um contexto de variação em relação ao PE, pois as performances situam-se também ao nível dos 50%, o que pode, de igual modo, indicar que não há uma preferência clara por nenhuma das leituras.

Para o PE, em completivas e em adverbiais, o pronome nulo retoma preferencialmente o antecedente sujeito matriz e o pronome pleno retoma um antecedente diferente do sujeito matriz, que nos contextos estudados correspondia ao objeto.

Os falantes do PA não fazem esta distinção de forma tão clara. O pronome nulo em completivas retoma preferencialmente o sujeito matriz, em adverbiais, a opção pela retoma de um antecedente na posição de sujeito não é tão clara.

Na Tarefa de leituras preferenciais os resultados obtidos não são esclarecedores. Para as condições (Nulo em Adverbial, Pronome em Completiva, Pronome em Completiva) os resultados situam-se a nível dos 50%. O pronome nulo tanto pode retomar um antecedente sujeito como um antecedente objeto, o mesmo acontece com o pronome pleno, o que dá mostras de haver grande variação em relação aos resultados esperados e em relação aos que se verificam nas performances do grupo de controlo.

Estes resultados do grupo em estudo sugerem que se olhe individualmente para as performances dos participantes.

A seguir apresentam-se os resultados individuais dos falantes angolanos e do grupo de controlo, para esta Tarefa, no sentido de se poder estabelecer uma comparação com os resultados obtidos individualmente.

Participantes	Nulo C	Nulo Adv.	Total	%	Pr. C	Pr. Adv.	Total	%
1	4/6	4/6	8/12	66,6	3/6	3/6	6/12	50
2	6/6	6/6	12/12	100	5/6	6/6	11/12	91,6
3	5/6	4/6	9/12	75	6/6	3/6	9/12	75
4	4/6	5/6	9/12	75	4/6	5/6	10/12	83
5	2/6	1/6	3/12	25	2/6	1/6	3/12	25
6	6/6	6/6	12/12	100	2/6	0/6	2/12	16
7	3/6	2/6	5/12	41,6	3/6	3/6	6/12	50
8	1/6	2/6	3/12	25	3/6	1/6	4/12	33
9	4/6	3/6	7/12	58	4/6	2/6	6/12	50
10	3/6	3/6	6/12	50	3/6	2/6	5/12	41,6
11	4/6	1/6	5/12	41,6	1/6	1/6	2/12	25
12	4/6	3/6	7/12	58	6/6	5/6	9/12	75
14	5/6	1/6	6/12	50	2/6	4/6	6/12	50
15	5/6	5/6	10/12	83	1/6	1/6	2/12	16
16	5/6	3/6	8/12	66,6	2/6	3/6	5/12	41,6
17	4/6	3/6	7/12	58	2/6	6/6	8/12	66
18	4/6	4/6	8/12	66,6	4/6	5/6	9/12	75
19	5/6	5/6	10/12	83	4/6	2/6	6/12	50
20	5/6	5/6	10/12	83	3/6	3/6	6/12	50
21	5/6	2/6	7/12	58	4/6	4/6	8/12	66,6
22	5/6	3/6	8/12	66,6	5/6	3/6	8/12	66,6
23	5/6	4/6	9/12	75	3/6	2/6	5/12	41,6
24	5/6	5/6	10/12	83	2/6	1/6	3/12	25
25	4/6	4/6	8/12	83	1/6	3/6	4/12	33
26	5/6	5/6	10/12	83	3/6	2/6	5/12	41,6
27	5/6	3/6	8/12	66,6	3/6	5/6	8/12	66
28	4/6	4/6	8/12	66,6	4/6	5/6	9/12	75
29	5/6	5/6	10/12	83	6/6	4/6	10/12	83
30	4/6	2/6	6/12	50	5/6	4/6	9/12	75
31	2/6	5/6	7/12	58	2/6	3/6	5/12	41,6
32	4/6	3/6	7/12	58	4/6	1/6	5/12	41,6
33	1/6	4/6	5/12	41,6	3/6	2/6	5/12	41,6
34	6/6	6/6	12/12	100	2/6	1/6	3/12	25
35	4/6	4/6	8/12	66,6	2/6	2/6	4/12	33

Quadro nº 5. Resultados individuais de cada participante do grupo de estudo (angolanos) correspondentes à Tarefa de leituras preferenciais, por grupo e por condição

A leitura das respostas individuais do grupo dos angolanos sugere que as suas performances não são uniformes. Parece haver três tendências diferentes em relação a retoma de sujeito nulo por antecedente sujeito matriz tanto em completiva como em adverbial:

a) Os informantes que têm uma gramática parecida ao PE, com respostas que demonstram clara preferência pela retoma do sujeito nulo pelo antecedente sujeito matriz (2, 3, 4, 6, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 29, 34). As suas respostas situam-se acima do nível de acaso³.

b) Os informantes que têm uma gramática diferente do PE, não demonstram preferência clara pela retoma do sujeito nulo por antecedente sujeito matriz (1, 7, 9, 10, 12, 16, 21, 22, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 35).

c) Os informantes que têm respostas não marcadas⁴. As suas respostas situam-se abaixo do nível de acaso e parecem apontar para um outro tipo de padrão (5, 8, 11, 14). Em relação à retoma do objeto por pronome pleno os resultados situam-se claramente acima do acaso.

A seguir apresentam-se os resultados individuais dos informantes portugueses, no sentido de poder estabelecer comparação com as produções individuais do grupo dos angolanos nesta tarefa.

³ Considera-se que o nível de resposta situado entre 5/6 e 6/6 é superior ao acaso para a preferência por antecedente sujeito e 0/6 e 1/6 é superior ao acaso para a preferência por antecedente objeto.

⁴ Considera-se que são respostas não marcadas aquelas que numa condição se situam num nível superior ao acaso e noutra, num nível de acaso.

Participantes	Nulo C	Nulo Adv.	Total	%	Pr. C	Pr. Adv.	Total	%
1	6/6	6/6	12/12	100	0/6	3/6	3/12	25
2	6/6	5/6	11/12	91,6	0/6	0/6	0/12	0,0
3	3/6	5/6	8/12	66,6	2/6	2/6	4/12	33,3
4	4/6	4/6	8/12	66,6	4/6	0/6	4/12	33,3
5	3/6	5/6	8/12	66,6	3/6	5/6	8/12	66,6
6	2/6	5/6	7/12	58	1/6	2/6	3/12	25
7	3/6	5/6	8/12	66,6	3/6	3/6	6/12	50
8	3/6	5/6	8/12	66,6	1/6	2/6	3/12	25
9	3/6	2/6	5/12	41,6	1/6	4/6	5/12	41,6
10	5/6	6/6	6/12	100	1/6	0/6	1/12	41,6
11	5/6	6/6	11/12	91,6	1/6	0/6	1/12	8,3
12	6/6	6/6	12/12	100	0/6	0/6	0/12	0,0
14	2/6	3/6	5/12	66,6	3/6	4/6	7/12	58,3
15	5/6	6/6	11/12	91,6	2/6	1/6	3/12	25
16	4/6	6/6	10/12	83	0/6	2/6	2/12	16,6
17	4/6	4/6	8/12	66,6	2/6	1/6	3/12	25
18	5/6	5/6	10/12	83	0/6	0/6	0/12	00
19	5/6	6/6	11/12	91	1/6	1/6	2/12	16,6
20	3/6	5/6	8/12	66,6	2/6	2/6	4/12	33,3
21	5/6	6/6	11/12	91,6	0/6	0/6	0/12	0,0

Quadro nº 6. Resultados individuais de cada participante do grupo de controlo (portugueses) correspondentes à tarefa de leituras preferenciais, por grupo e por condição.

Os resultados individuais dos portugueses apesar de não serem categóricos confirmam as previsões inicialmente formuladas. No PE o pronome nulo em completiva e adverbial retoma preferencialmente o sujeito matriz, na linha dos dados apresentados por estudos anteriores (Costa *et al*, 1998; Luegi, 2012; Silva, 2015; Lobo e Silva, 2016)

4.3. Resultados na tarefa 3

Para a Tarefa de interpretação, esperava-se que os falantes angolanos aceitassem que o sujeito nulo encaixado pudesse ter uma referência idêntica a um DP presente numa oração coordenada anterior a si, tal como ocorre no PE.

No quadro 3, indicam-se os resultados obtidos para a Tarefa de interpretação, por grupo, indicando o número e percentagem de leituras preferidas (*strict*; *sloppy*; *strict e sloppy*)

Tarefa de interpretação	Condições	Angolanos		Portugueses	
		Nº	%	Nº	%
	<i>Strict</i>	83/210	39,5%	81/126	64%
	<i>Sloppy</i>	62/210	29,5%	12/126	10%
	Qualquer uma delas	65/210	31%	33/126	26%
	Total	210	100%	126	100%

Quadro nº 7. Resultados obtidos na tarefa de interpretação para leituras *strict* e *sloppy*.

Os resultados do quadro acima demonstram que os falantes do PE preferem a leitura *strict*, em que o sujeito tem uma referência idêntica a um DP presente numa oração anteriormente coordenada, enquanto que as preferências do grupo de angolanos se mantêm variáveis, com tendência para uma maior aceitação da leitura *strict*.

4.4. Resultados na tarefa 4

Para os juízos de gramaticalidade era esperado que a maior parte dos casos apresentados fossem considerados aceitáveis quer o antecedente fosse o sujeito quer o objeto.

Respostas	Angolanos	Portugueses
	Média	Média
Nulo-Sujeito	3,3	3,5
Nulo-Objeto	3,1	3,0
Pronome-Sujeito	3,0	3,1
Pronome-Objeto	3,0	3,75

Quadro nº8. Média de aceitação de antecedente sujeito e antecedente objeto por condição e por grupo.

Os valores apresentados resultam das médias das classificações atribuídas em cada condição, de acordo com os juízos dos informantes (4: totalmente aceitáveis; 3: aceitáveis mas estranhas; 2: muito estranhas; 1: inaceitáveis). Assim, quanto mais próximo está o valor de 4, mais alta é a sua aceitabilidade.

Verifica-se pelos resultados gerais que, nesta tarefa, as performances dos dois grupos se situam acima de um nível médio, em todas as condições testadas; i) em contextos em que o pronome nulo está coindexado com o sujeito, contexto em que os informantes angolanos apresentam a média mais alta e próxima dos informantes portugueses, denotando preferência por este tipo de ligação; ii) em contexto em que o pronome nulo está coindexado com objeto, em que a média de aceitação dos falantes angolanos é relativamente superior à dos portugueses; iii) em contextos em que o pronome pleno está coindexado com o sujeito, com uma relativa superioridade no nível de aceitação por parte dos informantes portugueses; iv) em contexto de pronome pleno coindexado com

objeto, com uma média superiormente considerável para o PE, o que dá mostras de que no PE o pronome tende a retomar preferencialmente o objeto.

Estes resultados confirmam as previsões iniciais de que os falantes angolanos considerariam aceitáveis a maior parte dos contextos testados, à semelhança do que se esperava para o PE.

5. Discussão dos resultados

Os resultados gerais verificados para o grupo de angolanos nas tarefas 1 e 2 não marcam de forma clara a preferência pela interpretação do sujeito nulo encaixado como variável ligada ao sujeito quantificado ou correferente com o sujeito não quantificado (Tarefa 1), ou a preferência pela correferência do sujeito nulo com o antecedente sujeito matriz em contexto de completiva ou adverbial, tal como se verifica no PE (Luegi, 2012; Lobo e Silva, 2016). As percentagens obtidas situam-se, globalmente, ao nível dos 50% para qualquer das tarefas, daí ter-se optado pela apresentação individual dos resultados, como meio de verificar se, individualmente, os resultados podiam ser outros.

Da leitura dos resultados correspondentes à Tarefa de aceitação de interpretação (tarefa 1) pode-se concluir que as performances do grupo de angolanos denotam variação ao que se esperaria numa língua de sujeito nulo consistente, em que os falantes interpretam o sujeito nulo como variável ligada ao sujeito, mas não um sujeito pronominal (Montalbetti, 1984).

Para os falantes angolanos, a interpretação do sujeito nulo encaixado como variável ligada com antecedente quantificado não é categórica. Os resultados demonstram que apesar de esta ser a tendência que mais se verifica, há casos em que esta interpretação não é aceite. O grupo dos angolanos aceita maioritariamente os contextos em que o sujeito pronominal retoma antecedentes sujeitos quantificados e não quantificados, o que é inesperado numa língua de sujeito nulo.

Os resultados individuais do grupo de angolanos parecem denotar desempenhos diferentes: i) um tipo de desempenho igual ao que se verifica para o PE; ii) um tipo de desempenho diferente do que se verifica no PE; iii) um tipo de desempenho que não distingue os dois contextos que apresenta resultados semelhantes para o nulo e para o pronome.

Os resultados do grupo de controlo para a Tarefa 1 confirmam as previsões. Apesar de não ser categórica, a interpretação dos falantes de PE está de acordo com o Princípio de Montalbetti (1984). Os falantes de PE aceitam a interpretação dos sujeitos nulos e

pronominais como variáveis ligadas com o sujeito matriz e maioritariamente rejeitam a mesma interpretação para sujeitos pronominais.

Na tarefa das leituras preferenciais (tarefa 2) verificou-se que no PA em contexto de completiva *pro* retoma preferencialmente um antecedente sujeito. Em contexto de adverbial não há uma preferência marcada. Os resultados situam-se ao nível dos 50% para qualquer uma das opções disponíveis.

Nos mesmos contextos (completivas e adverbiais) verifica-se que o pronome pleno tanto pode retomar um antecedente sujeito como pode retomar um antecedente diferente do sujeito.

Quando analisadas individualmente, as respostas dos angolanos denotam que há pelo menos três categorias: i) respostas de informantes que têm uma gramática parecida à gramática do PE, isto é, para estes informantes o sujeito nulo é preferencialmente correferente com o sujeito matriz e o sujeito pronominal retoma preferencialmente o objeto; ii) respostas de informantes que têm uma gramática diferente do PE, que não manifestam uma preferência clara pela correferência do sujeito nulo com o sujeito matriz e o pronome pleno com o objeto; iii) respostas em que o pronome nulo tanto pode retomar o sujeito como o objeto e o mesmo ocorre com o pronome pleno, o que dá mostras de que nesta tarefa os resultados do PA diferem do que era esperado numa língua de sujeito nulo consistente.

Nesta mesma tarefa, nos mesmos contextos, verificou-se que no PE há uma distinção clara entre pronomes nulos e pronomes plenos quanto ao tipo de antecedentes que selecionam preferencialmente; os pronomes nulos retomam preferencialmente antecedentes sujeitos e os pronomes plenos antecedentes objeto.

Os resultados do grupo dos portugueses confirmam as previsões de Carminati (2002) e, para o caso do PE, os resultados verificados nos trabalhos de Costa *et al* (1998), Luegi (2012), Silva (2015) e Lobo e Silva (2016), que referem que nas línguas de sujeito nulo consistente há uma divisão de tarefas entre sujeitos nulos e plenos, que são sensíveis à posição sintática do antecedente. Nestas línguas, o sujeito nulo é usado preferencialmente para recuperar um antecedente sujeito e o sujeito pronominal é usado para retomar um antecedente objeto. Nesta tarefa verificou-se que o pronome pleno tanto pode ser correferente com antecedente sujeito como com objeto.

Na Tarefa 3, para ambos os grupos, os resultados também não são categóricos. Os contextos apresentados possuíam dois antecedentes disponíveis, o que favorecia uma leitura em que se podia retomar qualquer dos antecedentes. O sujeito nulo podia recuperar parcialmente o antecedente que se encontrava em posição mais alta por meio de uma leitura *strict* ou uma leitura em que o pronome nulo podia retomar o antecedente sujeito da oração imediatamente anterior a si.

No PE observa-se que há uma tendência marcada de aceitação preferencial da leitura em que o nulo encaixado retoma o sujeito matriz.

Os falantes angolanos demonstram maior aceitação de uma leitura *strict* em que o nulo recupera o sujeito, embora sejam significativos os contextos em que também se aceita a correferência do pronome nulo com o antecedente sujeito da oração imediatamente anterior a si. Portanto, neste contexto a interpretação dos sujeitos nulos por falantes angolanos também é variável. No PE parece ter preferencialmente um funcionamento de pronome; no PA, os resultados não são tão claros, há uma maior aceitação de leituras *sloppy*, compatíveis com uma análise de variável ligada.

Na Tarefa de juízos de gramaticalidade forçavam-se determinados tipos de leituras: i) pronome nulo coindexado com antecedente sujeito, opção preferencial nas línguas de sujeito nulo consistente; ii) pronome nulo coindexado com antecedente objeto, inaceitável no PB; iii) pronome pleno coindexado com antecedente sujeito, aceitável no PB e despreferido no PE; iv) pronome pleno coindexado com o objeto, aceitável no PE e no PB.

Todos os contextos testados tinham dois antecedentes que eram marcados por um traço de género distinto, o que favorecia um tipo de leitura em que tanto o pronome nulo como o pronome pleno podiam retomar apenas um dos antecedentes disponíveis.

As médias de respostas dos dois grupos nesta tarefa são aproximadas, situam-se ambas muito próximas do valor máximo (4), que é estimado como o valor máximo de aceitabilidade das frases, isto apesar de haver contextos em que a leitura das frases força correferências atípicas para o PE, como nos casos da coindexação do nulo com o objeto e do pronome com o sujeito. Mesmo nestes contextos a opção maioritária dos informantes foi a de considerar aceitável este tipo de coindexação, o que parece resultar

da necessidade de concordância dos traços de género do pronome nulo ou pleno com o seu antecedente.

Na tarefa 4 o grupo de angolanos tem performances mais uniformes. Os resultados confirmam as previsões de que os falantes angolanos considerariam aceitáveis a maior parte dos contextos testados e que as suas respostas estariam na mesma linha daquilo que se espera no PE.

6. Conclusões

O parâmetro do sujeito nulo tem sido objeto de vários estudos nos últimos anos em muitas línguas, incluindo em português, sobretudo no PE e no PB. Em relação ao PA há ainda pouco para dizer acerca deste parâmetro, em face do número reduzido de estudos realizados.

O presente trabalho propôs-se responder a determinadas questões sobre a interpretação e legitimação de sujeitos nulos e pronominais no PA, com o objetivo de saber de qual das variedades padrão mais se aproximava a interpretação realizada por falantes angolanos. As questões colocadas foram:

1. Qual é a interpretação preferencial dos falantes angolanos para os sujeitos nulos e pronominais com antecedentes quantificados e não quantificados?
2. Os falantes angolanos distinguem sujeitos nulos e pronominais em orações completivas e adverbiais na retoma de antecedentes sujeito ou objeto em contextos de ambiguidade?
3. No PA há aceitação de leituras *strict* e *sloppy* em contextos de sujeitos nulos encaixados?
4. No PA aceitam-se antecedentes sujeito e objeto para sujeitos nulos e pronominais encaixados?
5. O PA tem propriedades semelhantes ao PE ou tem restrições de interpretação como o PB?

O estudo realizado permitiu chegar às seguintes respostas:

1. Globalmente, os juízos dos falantes angolanos são variáveis, isto é, tanto aceitam a ligação do sujeito nulo com o antecedente sujeito quantificado ou não quantificado, como aceitam, do mesmo modo, a ligação do sujeito pronominal com antecedente quantificado. Este padrão não é típico de uma língua de sujeito nulo consistente. Os resultados do grupo dos angolanos, vistos de forma individual, permitiram que se identificassem diferentes perfis entre os informantes:

- a) Os que têm um desempenho igual ao PE;

b) Os que têm um desempenho oposto ao primeiro grupo, ou seja, um desempenho oposto ao PE;

c) Os que não distinguem os dois contextos e têm resultados semelhantes tanto para o nulo como para o sujeito pronominal.

2. Em contexto de completivas, apesar da variação registada, no PA o sujeito nulo encaixado, seleciona preferencialmente um antecedente na posição de sujeito matriz. Em contexto de adverbial não há uma preferência clara pela correferência do sujeito nulo encaixado com o sujeito matriz, assim como não há, nos dois contextos, a retoma preferencial do sujeito pronominal pelo antecedente objeto.

Nestes dois contextos as respostas dos informantes angolanos situam-se, em média, ao nível de acaso. As respostas individuais dos angolanos permitiram identificar três perfis de informantes:

a) Os que têm uma gramática parecida com a gramática do PE, com preferências idênticas às que se verificam no PE.

b) Os que têm uma gramática diferente da gramática do PE, com preferências que se opõem às que se verificam no PE.

c) Os que têm leituras não marcadas, tanto selecionam um tipo de antecedente como, na mesma circunstância, podem selecionar outro antecedente.

Assim, no PA há falantes que têm desempenhos diferentes do que é esperado numa língua de sujeito nulo consistente.

3. No PA, num contexto em que o sujeito nulo tem uma referência idêntica a um DP presente numa oração coordenada anterior, aceita-se preferencialmente a leitura em que o sujeito nulo recupera parcialmente o antecedente, embora a leitura *sloppy* não se exclua completamente. Os resultados verificados para o PE demonstram uma preferência pela aceitação de leituras *strict*, o que é compatível com uma análise do sujeito nulo como pronome nulo – *pro*.

4. No PA, em contextos de ambiguidade, com leituras forçadas, aceitam-se leituras correferenciais entre o sujeito nulo e o objeto e entre o pronome e o sujeito, o que mostra que o sujeito nulo no PA não está sujeito às mesmas restrições que no PB e que há uma menor distinção entre *pro* e pronome do que no PE.

5. O PA aparenta ser uma língua de sujeito nulo que se aproxima mais do PE, ainda que haja variação a nível da interpretação nos contextos testados, o que de alguma forma confirma a previsão inicial deste estudo.

A variação nas respostas pode ter sido condicionada por questões sociolinguísticas, estatuto gramatical das formas pronominais, influências linguísticas dos informantes, ou ainda resultantes do contexto em que o teste foi aplicado. Pode ser que num contexto mais informal pudessem surgir outro tipo de respostas que conduziram o estudo a resultados mais conclusivos. Uma melhor caracterização do perfil linguístico de cada um dos informantes poderia ajudar a compreender esta variação.

Os resultados obtidos abrem espaço a novas pistas de investigação:

- 1 – Haverá no PA mais do que uma gramática para o português?
- 2 – Esta eventual coabitação de gramáticas tem influência na leitura de sujeitos nulos e pronominais?
- 3 – Haverá características sociolinguísticas dos informantes que condicionam uma interpretação diferente de sujeitos nulos e pronominais?
- 4 – O pronome pleno no PA é marcado por características diferentes das que ocorrem no PE?
- 4 – A recolha de dados num contexto mais informal poderia conduzir a resultados diferentes?

Referências bibliográficas

- Ambulate, Joana (2008). *A aquisição de sujeito obrigatório numa língua de sujeito nulo*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Barbosa, P., Duarte, E., & Kato, M. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* , 4:2, pp. 11-52.
- Barbosa, P. (2011). *Partial pro-drop as null NP-anaphora*. GLSA Publications <http://hdl.handle.net/1822/16200>.
- Carminati, M. (2002). *The processing of Italian subject pronouns*. Electronic Doctoral Dissertations for UMass Amherst.
- Carrilho, Ernestina (2008) Sobre o expletivo ele em Português Europeu. *Estudos de Linguística Galega* 1, pp. 7-26.
- Chomsky, Noam. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Foris.
- Chomsky, Noam. (1999). *O Programa Minimalista*. Tradução de Eduardo Paiva Raposo. Editorial Caminho. Lisboa.
- Costa, Armanda, Isabel Hub Faria & Gabriela Matos (1998) Ambiguidade referencial na identificação do sujeito em estruturas coordenadas. *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. Lisboa: Colibri, 173-188.
- Costa, João, Alexandra Fiéis e Maria Lobo (2015). Input variability and late acquisition: clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* 161; 10-26.
- Costa, João, Lobo, Maria (2015). Objeto nulo na aquisição do português europeu: pro ou variável?, cluIn, 2010. Lisboa.
- Costa, João & Pratas, Fernanda (2007). Licenciar pro não significa ser uma língua pro-drop: evidência do Caboverdiano. In Sónia Frota & Ana Lúcia Santos (eds) *Textos*

Selecionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Colibri, pp. 157-166.

Duarte, E. (1995). *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.

Duarte, E. (2000). The Loss of the 'Avoid Pronoun' Principle in Brazilian Portuguese. In M. Kato, & E. Negrão, *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Vervuert – Iberoamericana, 17-36.

Estrela, Antónia (2006). *A Teoria da Ligação: Dados do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humana, Universidade Nova de Lisboa.

Ferreira, Marcelo Barra (2000). *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. Dissert. De Mestrado. Campinas. Universidade Estadual de Campinas.

Figueiredo Silva, M. C. (2000). Main and Embedded Null Subjects in Brazilian Portuguese. In M. Kato, & E. Negrão, *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Vervuert – Iberoamericana, 127-146.

Filiaci, Francesca, Antonella Sorace, and Manuel Carreiras (2014), Anaphoric biases of null and overt subjects in Italian and Spanish: a cross-linguistic comparison, *Language and Cognition and Neuroscience* 29(7), 825-843.

Frana, Ilaria (2008). The Role of Discourse Prominence in the Resolution of Referential Ambiguities. Evidence from Co-reference in Italian, to appear in J. Anderssen, K. Moulton and F. Schwarz (eds.), *Semantics and Processing*, UMOF Amherst, GLSA.

Guasti, M. T. (2002) Cap. 5 Null Subjects in Early Languages. In *Language Acquisition. The Growth of Grammar*. Cambridge Mass.: MIT Press, 151-185.

Hyams, N. (2012) Missing subjects in early child language. in J. De Villiers and T. Roeper (eds.), *Handbook of Generative Approaches to Language Acquisition*, Springer, The Netherlands.

Haegeman, L. (2013) The syntax of registers: Diary subject omission and the privilege of the root. *Lingua* 130, 88-110.

Jaeggli, Osvaldo & Kenneth J. Safir (1989). The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In O. Jaeggli, Osvaldo & Kenneth J. Safir (eds.), *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1-44.

Kato *et al* (2014), Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *Veredas: Sintaxe das línguas brasileiras*. 18/1.

Lobo, Maria (1995). *Para uma redefinição do parâmetro do sujeito nulo*. Diss. Mestrado. FLUL/UL. Lisboa.

Lobo, Maria (2013). Dependências referenciais. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes (eds.), *Gramática do Português. Volume II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2177-2227.

Lobo, Maria (2013). Sujeito nulo: sintaxe e interpretação. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes (eds.), *Gramática do Português. Volume II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2309-2333.

Lobo, Maria & Carolina Silva (2016) Ambiguidade pronominal em orações adverbiais do português: crianças vs. adultos. Submetido ao volume de *Textos Seleccionados do XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*.

Luegi, Paula (2012) *Processamento de sujeitos pronominais em Português: efeito da posição estrutural do antecedente*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Modesto, M. (2000). Null Subjects without "rich" agreement. in Kato, M. e Negrão, E. (Org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Vervuert – Iberoamericana, 147-174.

Modesto, M. (2010). Controle e hiperalçamento em português brasileiro. *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, São Paulo, 39 (1), abr-mai 2010, 392-408

Modesto, M. (2011). Finite control: Where movement goes wrong in Brazilian Portuguese. In *Journal of Portuguese Linguistics*, 10 (2), 3–30. DOI: <http://doi.org/10.5334/jpl.95>.

Montalbetti, Mario (1984). *On the interpretation of Pronouns*. Dissertação de Doutorado. Massachusetts.

Montalbetti, Mario (1986). How Pro Is it? In Jaeggli, O. & C. Silva-Corvalán. (eds.), *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris Publications, 137-152.

Negrão, E. e Müller, A. L. (1996) As Mudanças no Sistema Pronominal Brasileiro: Substituição ou Especialização de Formas. *D.E.L.T.A.* 12: 125-152.

Nicolau, Eunice (1995). *As propriedades do sujeito nulo e a ordem V-S no Português Brasileiro*. Dissertação de doutorado. Campinas. Universidade Estadual de Campinas.

Raposo, Eduardo Paiva (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa. Editorial Caminho.

Rizzi, L.(1982) *Issues in Italian syntax*. Dordrecht, Foris.

Serratrice. 2007. Crosslinguistic influence in the interpretation of anaphoric and cataphoric pronouns in English-Italian bilingual children. *Bilingualism*, in: *Language and Cognition* 10(3), 225-238.

Silva, Carolina (2015). *Interpretation of Clitic, Strong and Null Pronouns in the Acquisition of European Portuguese*. Diss. Dout. Univ. Nova de Lisboa.

Sorace A. & Filiaci. 2006. Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22, 339–368.

Anexos

Teste aplicado a informantes angolanos e europeus

O presente teste insere-se no âmbito de uma pesquisa para a elaboração de uma dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem, em curso na Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

O teste tem por objetivo compreender o tipo de interpretação preferencial dos falantes angolanos para diferentes frases. Inclui um questionário dividido em quatro subgrupos, a que correspondem determinadas tarefas.

Para o cumprimento dos objetivos a que a pesquisa se propõe solicita-se a sua prestimosa colaboração.

Obrigado.

O estudante: **José Gueleka Kapetula**

I – Dados pessoais do participante

- a) Nome (opcional): _____
- b) Sexo: M F
- c) Assinale com um “X” o intervalo etário em que se situa:
- c.1) 16-19 c.2) 20-23 c.3) 24-27 c.4) 28-31

1. Fala alguma língua nacional para além do português?

- a) Sim
- b) Não

2. Fala alguma língua estrangeira para além do português?

- a) Sim
- b) Não

II – Questionário

Responda à pergunta colocada para cada caso.

Tarefa I

Nas alíneas abaixo, cada frase é constituída por duas orações. O sujeito da primeira oração é a expressão sublinhada e para a segunda oração há alternância entre o pronome “ele” ou “Ø” (equivalente a um sujeito da terceira pessoa que pode ser recuperado pelo verbo a que segue).

Marque com um “X” as frases que são possíveis **numa leitura em que os sujeitos das duas orações são as mesmas pessoas.**

- 1) Nenhum aluno acha que **ele** vai reprovar.
- 2) A secretária disse que **Ø** ia viajar.
- 3) Todas as crianças sabem que **elas** devem respeitar os pais.
- 4) Qualquer aluno sabe que **Ø** tem de estudar.
- 5) Nenhum aluno acha que **Ø** vai reprovar.
- 6) Os alunos acham que **eles** vão ter boa nota.
- 7) A professora disse que **ela** ia chegar atrasada.
- 8) Qualquer aluno sabe que **ele** tem de estudar.
- 9) Nenhum político acha **Ø** que pode ser preso.
- 10) Os alunos acham que **Ø** vão ter boa nota.
- 11) A professora disse que **Ø** ia chegar atrasada.
- 12) Nenhum político acha que **ele** pode ser preso.
- 13) A secretária disse que **ela** ia viajar.
- 14) Todas as crianças sabem que **Ø** devem respeitar os pais.

Tarefas II

Em cada frase apresentam-se-lhe duas hipóteses de resposta. Assinale a alternativa que lhe parece mais natural.

- 1) O Rui disse ao Paulo que tinha ficado em primeiro lugar.

Quem é que tinha ficado em primeiro lugar?
_____ O Rui _____ O Paulo

- 2) A Mariana visitou a Paula quando saiu do hospital.

Quem é que saiu do hospital?
_____ A Paula _____ A Mariana

- 3) A Raquel disse à Beatriz que ela falava bem inglês.

Quem é que falava bem inglês?
_____ A Beatriz _____ A Raquel

- 4) O avô cumprimentou o vizinho quando saiu de casa.

Quem é que saiu de casa?
_____ O avô _____ O vizinho

- 5) O António perguntou ao Carlos se ele podia ler as mensagens.

Quem é que podia ler as mensagens?
_____ O Carlos _____ O António

- 6) A Amélia conheceu a Maria quando ela estudava em França.

Quem é que estudava em França?
_____ A Maria _____ A Amélia

- 7) O Pedro perguntou ao irmão se pagava a conta.

Quem é que pagava a conta?
_____ O Pedro _____ O irmão

8) O Marcos abraçou o irmão quando ele saía do estádio.

Quem é que saía do estádio?

_____ O irmão _____ O Marcos?

9) A Cecília disse à Maria que ela podia preparar o lanche.

Quem é que podia preparar o lanche?

_____ A Maria _____ A Cecília

10) O João abraçou o Carlos quando se levantou.

Quem é que se levantou?

_____ O Carlos _____ O João

11) A Helena viu a Rita quando ela ia a conduzir.

Quem é que ia a conduzir?

_____ A Helena _____ A Rita

12) A Margarida disse à professora que cantava bem.

Quem é que cantava bem?

_____ A professora _____ A Margarida

13) O Bruno informou o Pedro quando ele ganhou o concurso.

Quem é que ganhou o concurso?

_____ O Bruno _____ O Pedro

14) A Maria disse à Joana que passou no exame.

Quem é que passou no exame?

_____ A Maria _____ A Joana

15) O Rui fotografou o Paulo quando ele saiu de casa.

Quem é que saiu de casa?

_____ O Paulo _____ O Rui

16) O Pedro perguntou ao Zé se ele tinha sido convidado.

Quem é que tinha sido convidado?

_____ O Zé _____ O Pedro

17) A Maria chamou a Andreia quando subiu as escadas.

Quem é que subiu as escadas?

_____ A Maria _____ A Andreia

18) A Ana perguntou à Rita se podia fechar a janela.

Quem é que podia fechar a janela?

_____ A Ana _____ A Rita

19) O menino abraçou o pai quando chegou de férias.

Quem é que chegou de férias?

_____ O menino _____ O pai

20) A Mariana disse à mãe que ela se tinha esquecido das chaves.

Quem é que se tinha esquecido das chaves?

_____ A mãe _____ A Mariana

21) A Joana encontrou a Catarina quando ela saía do estádio.

Quem é que saía do estádio?

_____ A Catarina _____ A Joana

22) O Manuel perguntou ao Pedro se podia ajudar.

Quem é que podia ajudar?

_____ O Manuel _____ O Pedro

23) A Ana viu a Margarida quando chegava do trabalho.

Quem é que chegava do trabalho?

_____ A Ana _____ A Margarida

24) O Zé perguntou ao João se ele tinha de sair cedo de casa.

Quem é que tinha de sair cedo de casa?

_____ O João _____ O Zé

Tarefas III

Nas frases abaixo indicadas, escolha a expressão que melhor se ajusta a cada caso.

- 1) O Pedro disse que os pais estavam contentes e o Paulo disse que estavam tristes.

A expressão sublinhada refere-se:

- A. Aos pais do Pedro
- B. Aos pais do Paulo
- C. Aos pais de qualquer um deles

- 2) A Ana disse que as amigas eram trabalhadoras e a Rita disse que eram preguiçosas.

A expressão sublinhada refere-se:

- A. Às amigas da Rita
- B. Às amigas de qualquer uma delas
- C. Às amigas da Ana

- 3) O Rui acha que a mãe está bem vestida e o Pedro acha que está mal vestida.

A expressão sublinhada refere-se:

- A. À mãe de qualquer um deles
- B. À mãe do Rui
- C. À mãe do Pedro

- 4) A Ana acha que o chefe é simpático e a Rita acha que é antipático.

A expressão sublinhada refere-se:

- A. Ao chefe de qualquer uma delas
- B. Ao chefe da Ana
- C. Ao chefe da Rita

- 5) A Sara disse que o irmão estava bem-disposto e a Rita disse que estava zangado.

A expressão sublinhada refere-se:

- A. Ao irmão da Rita
- B. Ao irmão de qualquer um deles

C. Ao irmão da Sara

6) A Matilde acha que as colegas são bem comportadas e a Joana acha que são mal comportadas.

A expressão sublinhada refere-se:

- A. Às colegas da Matilde
- B. Às colegas da Joana
- C. Às colegas de qualquer uma delas

Tarefa IV

Numa escala de 1-4, classifique cada uma das frases, consoante as considera:

Totalmente Aceitáveis (1)

Aceitáveis mas um pouco estranhas (2)

Muito estranhas (3)

Inaceitáveis (4)

- | | | | | |
|---|-----|-----|-----|-----|
| 1) O Zé perguntou à Ana se estava grávida. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 2) A Susana disse ao Artur que era estúpido. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 3) O Pedro disse à Rita que estava despenteada. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 4) O Rui perguntou à avó se estava cansada. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 5) A Edite disse ao pai que ele estava bem vestido. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 6) O Rui disse à Rita que ela era esperta. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 7) O Zé perguntou à Ana se ela estava pronta. | (1) | (2) | (3) | (4) |

- 8) O Rui perguntou à avó se ela estava cansada. (1) (2) (3) (4)
- 9) A avó perguntou ao neto se ela estava despenteada. (1) (2) (3) (4)
- 10) O diretor perguntou à secretária se ele era autoritário. (1) (2) (3) (4)
- 11) A Ana disse ao Rui que ela estava grávida. (1) (2) (3) (4)
- 12) A avó disse ao neto que ela estava cansada. (1) (2) (3) (4)
- 13) A Rita perguntou ao Rui se estava despenteada. (1) (2) (3) (4)
- 14) A Ana disse ao Rui que estava grávida. (1) (2) (3) (4)
- 15) O médico perguntou à enfermeira se estava sujo. (1) (2) (3) (4)
- 16) A avó disse ao neto que estava cansada. (1) (2) (3) (4)

